

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE ECOLOGIA E ZOOLOGIA
CURSO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

Bianca Pinto de Moraes

**Um estudo sobre a produção acadêmica da Etnobotânica em comunidades quilombolas da
Mata Atlântica**

Florianópolis
2021

Bianca Pinto de Moraes

**Um estudo sobre a produção acadêmica da Etnobotânica em comunidades quilombolas da
Mata Atlântica**

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em
Ciências Biológicas do Centro de Ciências
Biológicas da Universidade Federal de Santa
Catarina como requisito para a obtenção do Título
de licenciada em Ciências Biológicas
Orientadora: Profa. Ma. Maiara Cristina Gonçalves
Coorientadora: Profa. Dra. Natalia Hanazaki

Florianópolis

2021

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

de Moraes, Bianca Pinto

Um estudo sobre a produção acadêmica da Etnobotânica em comunidades quilombolas da Mata Atlântica / Bianca Pinto de Moraes ; orientadora, Maiara Cristina Gonçalves, coorientadora, Natalia Hanazaki, 2021.

73 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Biológicas, Graduação em Ciências Biológicas, Florianópolis, 2021.

Inclui referências.

1. Ciências Biológicas. 2. Etnobotânica. 3. Banco de dados. 4. Afrobrasileiros. 5. Revisão Sistemática. I. Cristina Gonçalves, Maiara. II. Hanazaki, Natalia. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Ciências Biológicas. IV. Título.

Bianca Pinto de Moraes

**Um estudo sobre a produção acadêmica da Etnobotânica em comunidades quilombolas da
Mata Atlântica**

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Licenciada” e aprovado em sua forma final pelo Curso de Ciências Biológicas.

Florianópolis, 16 de setembro de 2021.

Prof. Dr. Carlos Zanetti
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Mestra Maiara Cristina Gonçalves
Orientadora

Programa de Pós-Graduação em Biologia de Fungos, Algas e Plantas (PPGFAP - UFSC)

Prof. Dra. Carolina Cavalcanti do Nascimento
Avaliadora
Membra do corpo editorial da Revista África e Africanidades

Prof. Dra. Sofia Zank
Avaliadora
Faculdade Municipal de Palhoça

Prof. Dra. Mayara Krakinski Caddah
Membra suplente

AGRADECIMENTOS

Agradeço as Comunidades Remanescentes de Quilombo, pelo consentimento, ao conhecimento milenar ancestral.

Durante a trajetória da universidade tive apoio de muitas pessoas, dentro e fora dela, nas vivências do cotidiano pude ir ligando os fatos e compreendendo o poder do saber, e minha curiosidade me trouxe até aqui, por isso sou grata ao universo, pela existência.

Agradeço a minha família por estarem presentes e me apoiarem frente aos desafios da vida, a minha mãe Lurdes, ao meu pai Olavo, a minha irmã Bruna, pelo amor e franqueza, por sempre estarem ao meu lado me incentivando e apoiando na continuidade dos estudos, por serem minha fortaleza.

Agradeço ao companheiro Allan que acompanhou toda a trajetória da escrita e apoiou em vários momentos difíceis.

Agradeço a Educação Escolar Quilombola por proporcionar um espaço de formação para educadores e para o povo negro, por oportunizar as trocas de conhecimento com os(as) mais velhos e os(as) mais novos e que através dos seus princípios civilizatórios da oralidade e ancestralidade trata o fundamento das questões raciais no Brasil.

Agradeço ao Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica (ECOHE) por abrir espaço para que eu desenvolvesse minha pesquisa e iniciasse no universo etnobotânico e por possibilitar diálogos com as comunidades tradicionais e formar pontes.

Agradeço à minha orientadora, mestra Maiara Cristina Gonçalves, por estar sempre presente ao longo da escrita e na vida e por ser minha amiga.

Agradeço a professora Natalia Hanazaki por ter aceitado me coorientar e estar sempre auxiliando nas demandas acadêmicas e por ser parceira nos momentos da vida.

Agradeço a Patrícia por ser parceira das revisões, Aline que colaborou na construção do mapa, Michel, Rafaela, Ariane que fizeram sugestões ao questionário, entre outras pessoas que contribuíram de uma forma ou de outra para este estudo se tornar possível. Agradeço aos professores e as professoras que fizeram parte da minha trajetória, ao amigo Diego, a amiga Gabriela que me inspiram. Agradeço aos colegas da biologia que sempre trazem boas memórias. Agradeço às amigas e amigos que contribuíram nas conversas sobre as questões que me inquietam,

parceiros(as) da luta por uma educação mais igualitária.

Agradeço a banca por aceitarem contribuir no meu estudo, as professoras Carolina, Sofia e Mayara que participam do meu processo de formação e me inspiram.

Agradeço ao CNPq e CAPES pela concessão das bolsas de pesquisa que durante a graduação me proporcionaram o desenvolvimento de projetos nas áreas da educação e da ecologia. O interesse pela pesquisa nas comunidades quilombolas foi tomando forma depois de realizar uma saída de campo na Comunidade Quilombola São Roque, em Praia Grande (SC), acompanhando as pesquisas de mestrado da Daniele Cantelli e do doutorado da Maiara Cristina Gonçalves. Neste campo a importância das comunidades quilombolas na conservação do meio ambiente e na preservação das espécies me marcou, e talvez por isso escrevi este texto, entre tantos motivos.

Dedico este estudo ao meu pai **Olavo Rodrigues de Moraes**, por ser presente, amoroso,
compreensivo, forte e sábio.

[...] Andava em círculos, ora com uma das mãos fechada e com o braço para trás, como se fosse um cotoco, ora com as duas palmas abertas, executando calmos e ritmados movimentos, como se estivesse moldando alguma matéria viva. Todo cuidado Ponciá Vicêncio punha nesse imaginário ato de fazer. Com o zelo da arte atentava para as porções das sobras, a massa excedente, assim como buscava, ainda, significar as mutilações e as ausências, que também conformam um corpo.

Suas mãos seguiam reinventando sempre e sempre.

E, quando quase interrompia o manuseio da arte, era como se perseguisse o manuseio da vida, buscando fundir tudo num ato só, igualando as faces da moeda. Seus passos em roda se faziam ligeiramente mais rápidos então, sem, contudo, se descuidar das mãos. Andava como se quisesse emendar um tempo ao outro, seguia agarrando tudo, o passado-presente-e-o-que-há-de vir

(EVARISTO, 2017, p. 110, 111).

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi investigar os trabalhos acadêmicos de etnobotânica sobre o conhecimento e uso de plantas pelas comunidades quilombolas da Mata Atlântica através de pesquisa bibliográfica e compreender o perfil e motivações das autoras e autores destes estudos. A partir de uma revisão sistemática em bases indexadas (Scopus e Web of Science), foram padronizados dados oriundos de 89 estudos publicados entre 1988 e 2020, compreendendo mais de 1000 entradas de informações que, após filtragens por repetições e inconsistências (31 estudos duplicados, 13 estudos que não eram do Brasil e 30 que não eram da Mata Atlântica), resultaram numa compilação de 15 artigos publicados sobre usos de 380 espécies úteis de plantas, que serão futuramente incorporados ao Useflora (banco de dados sobre usos de plantas nas Américas, organizado pelo ECOHE - Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica). As principais categorias de uso de plantas citadas por quilombos da Mata Atlântica foram Medicinal, Alimentícia, seguida de Uso Ambiental, Construção e Uso Manufatureiro. Para as autoras e autores desses 15 estudos enviamos um questionário online, com perguntas sobre seu perfil pessoal e sobre as motivações para o desenvolvimento do estudo naquela comunidade. A análise descritiva das nove pessoas que responderam o questionário mostra que a maioria das pessoas autoras dos artigos foi identificada como do gênero feminino e da cor branca, segundo o IBGE. Os estudos da etnobotânica confirmam a enorme diversidade de espécies utilizadas pelas comunidades quilombolas, tanto nativa como exótica à Mata Atlântica. As análises demonstram quais demandas merecem maior dedicação e destacamos a importância de estudos que aproveitem informações já publicadas, pois há muitas lacunas no conhecimento científico que devem ser problematizadas.

Palavras-chave: etnobotânica, banco de dados, afro-brasileiros.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Representação do método *Systematic Search Flow*.

Figura 2 – Mapa das Comunidades Remanescentes de Quilombo da Mata Atlântica

Figura 3 – Fluxograma das etapas de sistematização dos resultados.

Figura 4 – Número de espécies listadas.

Figura 5 – Número de espécies por categoria de uso.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Total de plantas citadas por CRQ's da Mata Atlântica, nome popular e parte usada.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CRQ's – Comunidades Remanescentes de Quilombo

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

ECZ – Departamento de Ecologia e Zoologia

ECOHE – Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

CEPSH – Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	1
2. OBJETIVOS.....	7
2.1 OBJETIVO GERAL	7
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	7
3. MATERIAIS E MÉTODOS.....	8
4. RESULTADOS.....	13
5. DISCUSSÃO	37
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS	42
ANEXO 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE)	50
ANEXO 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Simplificado	53
ANEXO 3 – Questionário das pessoas autoras dos artigos	54

1. INTRODUÇÃO

Eu, uma mulher negra combatente antirracista, nesta escrita não poderia deixar de lado a minha trajetória. Quando escrevo, minhas palavras soltam ecos, que vêm de muito longe, a muito tempo. A ancestralidade anda comigo, não posso esquecê-la. Ela me dá força e me guia, no caminho tortuoso da vida, o meu lugar é onde estou e onde eu me coloco. Quando Carolina Maria de Jesus¹ escreveu “Comigo o mundo vai modificar-se. Não gosto do mundo como ele é”, ela inspirou e inspira muitas mulheres negras, com sua história ela nos ensina a lutar, com o seu legado, ela nos motiva a não desistir de nossos sonhos.

As motivações ligadas ao interesse pela pesquisa da etnobotânica e pelas comunidades quilombolas foram se construindo desde a chegada a universidade. Durante o meu percurso, percebia as nuances do racismo estrutural e institucional e como se estabeleciam em diferentes espaços. Percebi, ao longo da graduação que precisava falar sobre isso, que o silêncio já não me bastava. Em relação a este estudo, percebi que os trabalhos desenvolvidos no âmbito da etnobotânica precisavam de investigação e via a importância da etnobotânica no contexto científico e social.

A pergunta principal que guiou este estudo foi “Quais são as informações presentes na literatura etnobotânica em Comunidades Remanescentes de Quilombo na Mata Atlântica?” e a relevância em identificar o perfil das autoras e autores remete a importância histórica e social das identidades dos sujeitos pesquisadores(as) para descolonização dos estudos na transmodernidade, tratados por Grosfoguel (2008).

A etnobotânica se dedica ao estudo das relações dinâmicas entre as pessoas e as plantas e se caracteriza pelo uso que os povos originários e comunidades tradicionais e locais fazem dos recursos vegetais (ALBUQUERQUE, 2005). Uma das importâncias dos estudos etnobotânicos está em identificar possibilidades de conservação e manutenção das espécies vegetais úteis nos seus ambientes e as relações com as pessoas. O conhecimento de tecnologias sociais, que há muito tempo os povos da floresta possuem, são ferramentas essenciais para que os povos e comunidades

¹ Carolina Maria de Jesus (1914-1977): escritora, poetisa e compositora negra brasileira. Uma brilhante, conceituada e importante escritora no Brasil e no mundo.

tradicionais permaneçam em seus territórios e garantam o autoconsumo e bem viver (SILVA, 2013).

Os povos originários e comunidades tradicionais são grupos culturalmente diferenciados, que possuem condições sociais, culturais e econômicas próprias. No Brasil, o reconhecimento dos direitos dos povos indígenas e quilombolas foi promulgado na Constituição de 1988 e das demais comunidades foi com o decreto 6040/2007 ². Garantidos pelas mobilizações de movimentos sociais que consideram os povos e as comunidades fundamentais nos espaços de tomada de decisão. Também vale ressaltar que a Convenção 169 (1989) que trata do conceito de “terras tradicionalmente ocupadas”, reconhece como critério fundamental a autoidentificação coletiva e reforça a lógica de atuação dos movimentos sociais relacionados à identidade étnica (RIBEIRO, 2017).

A Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável de Povos e Comunidades Tradicionais (Brasil, 2007) foi construída de forma participativa onde uma série de debates sobre as políticas de inclusão social foram discutidas com vistas a resolver questões primordiais relacionadas ao acesso à terra, saúde e educação diferenciados (SILVA, 2007). A terra é considerada muito importante para os povos e comunidades tradicionais, pois é nela onde ocorre a manutenção da biodiversidade, da fauna e da flora, com isso desempenham papel fundamental na proteção e sustentabilidade do ecossistema.

Povos originários e comunidades tradicionais apresentam em sua cultura e história uma relação direta com os recursos vegetais do seu entorno guardando um valioso conhecimento ecológico tradicional em suas práticas agrícolas e de cuidados (LIPORACCI, 2014). Entre eles podemos citar grupos regionais como pescadores, seringueiros e castanheiros, quebradeiras de coco e grupos presentes em todo território brasileiro como povos indígenas e comunidades remanescentes de quilombo (BRASIL, 1988).

2 DECRETO Nº 6.040, de 7 de Fevereiro de 2007. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm>

Comunidades Remanescentes de Quilombo são grupos étnico-raciais, definidos por autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotadas de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica, tornando-se espaços culturais de resistência e luta (PALMARES, 2019). A Resolução Federal N° 8, que trata das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica, define os quilombos como comunidades rurais e urbanas que lutam historicamente pelo direito à terra e ao território e que possuem laços estreitos com os recursos ambientais, pertencimento e valorização dos antepassados (BRASIL, 2012).

A titulação das terras das Comunidades Remanescentes de Quilombo (CRQ's) apresenta uma série de desafios, pois o cenário é de extrema lentidão, visto que o primeiro território a ser titulado pelo Inbra foi apenas 7 anos depois da constituição de 1988 (CPISP, 2018). Essa perspectiva nos leva a garantir através de estudos como este, que visam trazer mais informações sobre as comunidades para que possam auxiliar na construção dos laudos e pareceres técnicos que demonstrem o vínculo destas comunidades com a biodiversidade e o ambiente em que ocupam, para que essas comunidades recebam a titulação mais rapidamente.

A primeira mulher negra a falar sobre os quilombos foi Beatriz Nascimento. Nascimento (1985) faz um estudo dos quilombos em diferentes momentos e conceitua Quilombo como uma instituição. É uma palavra dos povos bantos da África e quer dizer acampamento guerreiro na floresta, e em Angola era uma divisão administrativa, espaço que pensava a organização da comunidade e da sociedade. Elevar esse conhecimento para falar do quilombo como um espaço de organização (NASCIMENTO, 1985).

As pesquisas sobre conhecimento etnobotânico em comunidades quilombolas ganharam maior visibilidade nos últimos dez anos, notando-se a necessidade de compilar as informações publicadas dando uma visão geral e perspectivas para futuras pesquisas nessa área (OLIVEIRA et al., 2009).

O uso das plantas pelos quilombolas está muito ligado a aspectos do cotidiano, seja para alimentação, cura de doenças ou para fins religiosos, bem como subsistência familiar. Desta forma, grande parte das comunidades apresentam espaços de “terreiro”, que segundo Vasconcellos (2004) são espaços de múltiplas funções, muito importante para a conservação de espécies através da criação de animais e do cultivo de vegetais. Estes locais oferecem não só benefícios físicos como também espirituais, onde as formas de ver e sentir o mundo são muito valorizadas e se relacionam à dinâmica da vida das pessoas (VASCONCELLOS, 2004). O desenvolvimento de tecnologias afro-diaspóricas é um legado dos povos africanos nas Américas que através da adaptação e agregação de conhecimentos desenvolveram soluções sofisticadas para dificuldades encontradas no novo mundo que perpetuaram no tempo e hoje são consideradas uma forma de resistência quilombola (DOMINGUES, 2020).

A territorialidade fez espalhar remanescentes em muitas regiões brasileiras, assim podemos encontrar traços culturais semelhantes tanto em quilombos rurais, como em quilombos urbanos (DIAS, 2020). A produção de alimentos faz parte da agricultura de autoconsumo e proporciona renda para as famílias quilombolas (VASCONCELLOS, 2004). Além disso, é importante destacar que promover a conservação da biodiversidade em diferentes biomas brasileiros se liga diretamente ao ato de reafirmar o direito ao uso do território e a vida (CREPALDI; PEIXOTO, 2010).

As Comunidades Remanescentes de Quilombo deste estudo estão situadas na Mata Atlântica e distribuídas em territórios urbanos e rurais que lutam pela terra e promovem a preservação da biodiversidade. A Mata Atlântica é uma das regiões do mundo mais ricas em biodiversidade, sua riqueza de plantas vasculares é estimada em 20 mil espécies, sendo que 8 mil são endêmicas. Ao mesmo tempo este bioma sofre constantes pressões e impactos como desmatamentos e a especulação imobiliária que causam a fragmentação e o aumento da taxa de extinção da flora e fauna (MITTERMEIER et al., 2004; MYERS et al., 2000).

Com cerca de 60% da população brasileira inserida na Mata Atlântica, ela se constitui

também como uma região de patrimônio histórico e cultural (STEHMANN, 2019). Portanto, trabalhos de revisão de literatura mostram-se necessários para sistematizar os conhecimentos e usos visando fortalecer estratégias de conservação nas comunidades quilombolas que vivem neste bioma tão ameaçado.

A revisão de literatura faz parte do processo de escrita da redação científica, através dela a pesquisadora se familiariza com os textos, identifica as autoras que estão escrevendo sobre o tema, avalia e seleciona os argumentos sobre a questão pesquisada (FERENHOF; FERNANDES, 2016). Revisões de literatura servem de alicerce para explorar as informações atuais sobre determinados conhecimentos científicos. A revisão narrativa é considerada tradicional, pois não há critérios explícitos para a seleção de artigos. A revisão sistemática utiliza uma metodologia rigorosa e explícita para a seleção de artigos, que vai desde a formulação do protocolo para identificar os trabalhos até as contribuições relevantes da pesquisa, com estratégias que reduzem os riscos de vieses e erros aleatórios. A revisão integrativa tem por objetivo reunir e simplificar os resultados de pesquisa sobre uma questão ou tema de maneira sistematizada (FERENHOF; FERNANDES, 2016).

A revisão sistemática da literatura é uma atividade importante para a construção de trabalhos científicos. Durante o desenvolvimento das pesquisas permite observar estudos já realizados e a partir da análise dos seus resultados podemos identificar eventuais lacunas, conhecer os recursos e ferramentas necessárias para desenvolver estudos que contribuam para cobrir as brechas identificadas (GALVÃO; RICARTE, 2019). Outros estudos de revisão sistemática tem demonstrado a existência de lacunas nos estudos de etnobiologia, e por isso, identificar quais são elas dentro dos estudos da etnobotânica brasileira, visa uma melhor compreensão em relação aos estudos culturais e botânicos (RITTER et al., 2015).

Além disso, é importante conhecer os perfis das pessoas autoras dos trabalhos etnobotânicos, pois nos faz pensar nos recortes que devem ser feitos em relação às questões raciais, de gênero e classe, trabalhando no sentido de movimentar o autorreconhecimento das pessoas

negras e mulheres nas ciências (DAVIS, 1981). Compreender a diversidade de artigos publicados sobre etnobotânica quilombola na Mata Atlântica traz alguns questionamentos sobre quem faz ciência no Brasil, com isso, reflete saber quem são os autores e as autoras que produzem esses conhecimentos. Logo traçar o perfil desses autores (as) encontrados nos trabalhos selecionados para esta pesquisa tem como intuito conhecer e analisar aspectos sociais, raciais e de gênero da pesquisa científica na área etnobotânica (GUEDES, 2016; LORETTI; SANCHES, 2020; KITCHENER, 2020; CANDIDO; CAMPOS, 2020).

Os etnobotânicos apontam para a necessidade de elaborar estudos que considerem e priorizem retornos econômicos para as comunidades, a fim de desenvolver movimentos sustentáveis, a etnobiologia possui papel proativo incentivando iniciativas que podem garantir que as comunidades locais mantenham uma estrutura econômica autossuficiente (VANDEBROEK et al., 2020).

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo geral

Investigar a produção acadêmica da etnobotânica em Comunidades Remanescentes de Quilombo (CRQ's) da Mata Atlântica.

2.2 Objetivos específicos

- Identificar o perfil das autoras e dos autores dos trabalhos etnobotânicos em CRQ's da Mata Atlântica.
- Realizar uma revisão sistemática da literatura sobre a etnobotânica em comunidades quilombolas da Mata Atlântica.
- Compilar as principais espécies de plantas listadas nos artigos.
- Identificar a distribuição geográfica das CRQ's dos estudos analisados.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 Entrevista com as autoras

Para caracterizar o perfil das autoras dos trabalhos sobre etnobotânica nas comunidades quilombolas da Mata Atlântica foi realizada entrevista online por meio do formulário eletrônico Google Forms. O questionário foi estruturado com 34 perguntas abertas e fechadas divididas nos seguintes tópicos: perfil da autora(o), perfil das coautoras(es) motivações para pesquisa e informações adicionais à(s) comunidade(s) participante(s) da pesquisa (Anexo 3). Este questionário e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos (CEPSH) da UFSC (4.673.349) e enviado aos primeiros autores(as) de cada artigo através de correspondência eletrônica (e-mail) convidando-os(as) a participar da pesquisa. O TCLE foi fornecido em uma versão sintética e também na íntegra (Anexo 2 e 1), nela destaca-se a importância de preconizar o Ofício Circular Nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS, que trata dos procedimentos em pesquisas com qualquer etapa em ambiente virtual como a importância do participante de pesquisa guardar em seus arquivos uma cópia do documento eletrônico e o direito do entrevistado de não responder qualquer uma das perguntas sem nenhum prejuízo.

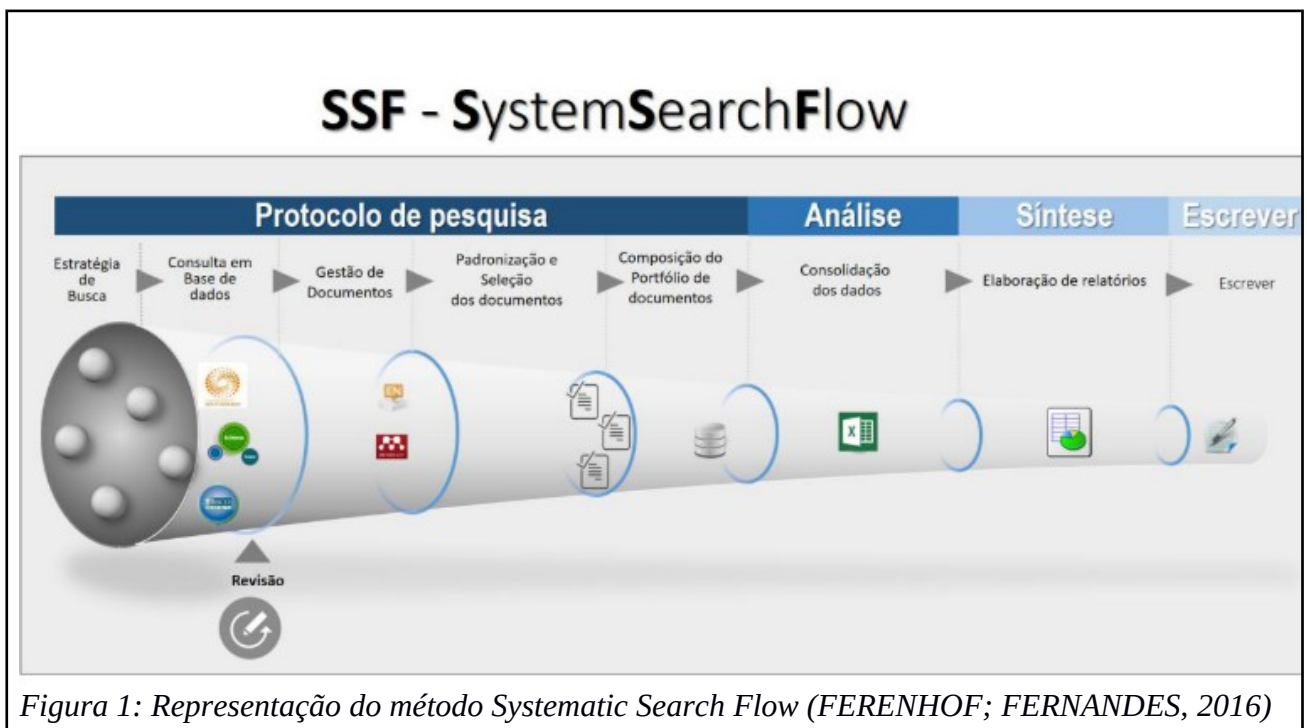
Após o envio do e-mail, o questionário ficou disponível por um período de um mês para ser respondido, ao fim fizemos download dos dados coletados para o computador, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem".

3.2 Revisão de literatura

Compreendendo que as revisões de literatura fortalecem a pesquisa, explorar as informações atuais sobre determinados conhecimentos científicos faz com que os estudos se tornem bem fundamentados. As revisões sistemáticas permitem através do rigor metodológico, observar estudos já realizados, fazer análises dos seus resultados e identificar lacunas. Assim pode-se auxiliar na produção de ferramentas ou recursos que contribuam na cobertura das brechas identificadas

(GALVÃO; RICARTE, 2019).

A fim de tornar a revisão mais prática e ágil, esse estudo se apoiou no método Systematic Search Flow (SSF), proposto por Ferenhof e Fernandes (2016) composto por três fases: Definição do Protocolo de Pesquisa (I), Análise dos Dados (II) e Síntese (III) (Figura 1). Estas fases são compostas de atividades subsequentes, assim na Fase I temos: Estratégia de busca, Consulta em base de dados, Organizar as Bibliografias, Padronizar a seleção dos artigos, Composição do portfólio de artigos; na Fase II: Consolidação dos dados; e na Fase III: Elaboração de relatórios.



Adequamos a revisão a uma ferramenta que auxilia na verificação dos critérios mínimos de qualidade nas revisões sistemáticas, a lista de verificação do PRISMA (2020). Esta lista consiste em 27 itens que devem ser analisados antes, durante e posteriormente à realização de um estudo, divididos em verificação de Título, Resumo, Introdução, Métodos, Resultados, Discussão e outras informações do registro e protocolo (PAGE et al., 2021)³.

3 Disponível em: <http://www.prisma-statement.org/>

A consulta às bases de dados ocorreu em setembro de 2020 e a fase de análise ocorreu de setembro de 2020 a março de 2021. Foram consultados artigos publicados a partir de 1988, quando a Constituição Federal brasileira reconheceu os remanescentes de quilombo como comunidade tradicional, até o ano de 2020. O idioma utilizado para as buscas nas bases de dados foi o inglês por ser o principal idioma utilizado nas publicações das revistas sobre etnobotânica.

Segundo Atallah & Castro (1997), primeiramente, a formulação da pergunta é de grande importância, pois é através dela que traçaremos o ponto de partida para o início da pesquisa. A pergunta chave deste trabalho é “Quais são as informações presentes na literatura etnobotânica em comunidades remanescentes de quilombo na Mata Atlântica?”

A seleção das bases de dados foi feita a partir do acesso à plataforma de Periódicos da Capes/MEC onde buscamos as principais bases bibliográficas que incluíram um maior número de artigos sobre o tema em revistas nacionais e internacionais da área etnobotânica, que foram as bases Scopus e Web of Science.

Para a definição do protocolo de busca das pesquisas nas bases de dados (Figura 1), foi elaborado a partir dos recursos do Serviço de Competência à Informação e Suporte à Pesquisa da Biblioteca Universitária⁴ da Universidade Federal de Santa Catarina os seguintes descritores foram selecionadas para compor o corpo de assuntos:

"Ethnobotany"[Mesh]; "Ethnobotany"; "Plants use"; "Plants used"; "Uses of plants";
 "Knowledge of plants"; "Ethnobotanical works"; "Ethnobotanical work"; "Useful Plants";
 "Local knowledge about plants"; "Traditional knowledge about plants"; "Ethnoecology";
 "Ethnobiology"; "Quilombo"; "Quilombola"; "Quilombolas"; "Maroons"

para gerar a chave de busca abaixo, em inglês:

("Ethnobotany" OR "Plants use" OR "Plants used" OR "Uses of plants" OR "Knowledge of plants" OR "Ethnobotanical works" OR "Ethnobotanical work" OR "Useful Plants" OR "Local knowledge about plants" OR "Traditional knowledge about plants" OR "Ethnoecology" OR "Ethnobiology") AND ("Quilombolas" OR "Quilombola" OR "Quilombo" OR "Maroons").

⁴ Disponível em: <https://portal.bu.ufsc.br/conheca-a-bu/administrativo/estrutura-organizacional/dau/servico-de-referencia/>

A localização e seleção dos estudos foram delimitadas pelos descritores e pelos critérios de inclusão e exclusão de estudos extraídos das duas bases de dados. Foram analisados e compilados artigos científicos, tanto publicados em revistas nacionais como internacionais, excluindo as citações. Os critérios de inclusão foram: trabalhos realizados em comunidades quilombolas, no domínio Mata Atlântica, com informações sobre o uso de plantas e publicados no período de 1988 a 2020. Os critérios de exclusão foram: trabalhos em forma de resumos, teses, dissertações e trabalhos de conclusão de curso e artigos que não citaram espécies vegetais. Nesta etapa realizamos download dos artigos pré-selecionados e organizamos as bibliografias no gerenciador bibliográfico Mendeley Desktop (2021)⁵, onde foram lidos e revisados todos os artigos e posteriormente iniciamos a extração dos seus dados consolidados na plataforma de planilhas do Google e do LibreCalc. De cada artigo incluído nesta revisão foram sistematizados os dados sobre: a espécie (identificação, família, gênero, espécie, autor, variedade ou subespécie e sinónimas), informações etnobotânicas (nome popular e uso popular) e de localização (origem geográfica, latitude, longitude, Cidade e Estado).

3.3 Análise de dados

A análise e apresentação dos dados de revisão e das entrevistas com os autores foram baseadas na estatística descritiva realizada no software livre LibreCalc. Nos dados de revisão compilamos todas as espécies citadas utilizando as categorias de uso da base de dados sobre a biodiversidade vegetal útil nas Américas, denominada Useflora. Este banco de dados surgiu da necessidade de um sistema de organização das informações coletadas de modo padronizado, a partir dos estudos desenvolvidos no âmbito do Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica (ECOHE) do departamento de Ecologia e Zoologia (ECZ) da UFSC, sendo descrito em detalhes no trabalho de conclusão de curso chamado “Banco de dados etnobotânicos: construção de uma ferramenta de armazenamento e proteção de informações sobre a sociobiodiversidade” (FERRARI, 2020).

5 Disponível em: <https://www.mendeley.com/guides/desktop>

As 11 categorias de uso utilizadas remetem ao uso atribuído à espécie pela comunidade local, são elas: CA: Comida animal (planta utilizada para alimentar animais, CO: Construção (estrutural, cobertura, outras finalidades de construção não listadas), UC: Uso manufatureiro/Utensílios e Ferramentas (roupas, acessórios, cosméticos, adornos, recreação, corantes, utensílios domésticos, ferramentas para caça e pesca, ferramentas de trabalho, cordas, outros utensílios), UA: Uso Ambiental (agroflorestas, cercas, ornamentais, melhoramento do solo, outros usos ambientais), LE: Combustível (lenha, iluminação, iniciador de fogo, outros usos energéticos), AL: Alimentício (alimento, temperos, óleos, bebidas), ME: Medicinal humano, terapêutico, MV: Medicinal Veterinário, TO: Tóxico (venenos para caça, pesca e controle de pragas), RI: Ritualístico, religioso, mágico, AT: Atrativo de caça.

4. RESULTADOS

4.1 Entrevista com as autoras

O questionário foi enviado para 20 pessoas e respondidas por 9 autoras(es). Todas as perguntas de múltipla escolha foram respondidas. Dividimos as perguntas em quatro partes:

4.1.1 *Perfil autora(o) principal*

Em relação à raça (IBGE) a maioria (seis pessoas) se autodeclararam brancas, seguidas de parda (duas) e amarela (uma). Quanto a identidade de gênero oito pessoas se identificaram como mulheres cisgêneras (se identificam com o sexo que lhe foi designado no nascimento) e um homem cisgênero (se identifica com o sexo que lhe foi designado no nascimento). Todas as pessoas que responderam ao questionário são brasileiras. Em relação ao Estado que residiam durante a realização da pesquisa foi citado: Santa Catarina (três), São Paulo (três), Bahia, Minas Gerais e Paraíba (uma). Quanto à formação escolar/acadêmica, as pessoas possuem o nível de pós-doutorado (cinco), mestrado (três) e doutorado (uma).

Quando cruzamos os dados relacionados a raça das(os) autoras(es) e as respectivas respostas relativas ao racismo observamos que entre as pessoas brancas que presenciaram o racismo durante o campo, apenas duas questionaram no momento, uma não quis se envolver por motivos éticos relacionados a pesquisa, outra respondeu que é um aspecto incorporado nas análises, mas não especificamente na pesquisa sobre etnoconhecimento. As demais, especificamente uma pessoa parda respondeu que questionou, duas não presenciaram e outras duas preferiram não responder.

É fundamental identificarmos como cada grupo racial lida com a questão racial, se existem diferenças entre as pessoas do mesmo grupo racial referente as questões raciais e como essas pessoas se colocam frente ao combate do racismo nas comunidades quilombolas.

4.1.2 *Perfil das demais autoras(o)*

A grande maioria das pessoas colaboradoras foram caracterizadas pelas pesquisadoras e pesquisador de cor branca. Dois artigos citaram coautoria de quilombolas, um com quatro ou mais e outro dois coautores quilombolas. Em relação à etnia, um estudo apontou a coautoria de quatro ou mais pessoas negras, três estudos tiveram colaboração de, pelo menos, uma pessoa negra e uma das pesquisas uma coautoria era “estrangeira” dos Estados Unidos.

4.1.3 *Em relação à pesquisa*

Sobre as motivações para desenvolver pesquisa sobre etnobotânica, em uma pergunta de múltipla escolha a maioria respondeu que foram motivadas pelo Conhecimento Ecológico Tradicional (n=7) Outras principais respostas escolhidas foram a partir do desenvolvimento de pesquisa com comunidades tradicionais em geral (n=6), por motivações pessoais relacionadas a questões ambientais e sociais (n=5), iniciaram os estudos com etnobotânica através da Biologia e da Botânica (n=3), história de vida (n=2) e pelo desenvolvimento de pesquisa especificamente com comunidades remanescentes de quilombo (n=2). Apenas uma pessoa assinalou sua chegada na Etnobotânica através da Antropologia e outra através da Geografia.

Outras motivações relacionadas à pesquisa foram colocadas na questão aberta, como o interesse pelas práticas tradicionais de cura e uso de plantas medicinais, a conservação e a forma de uso dos recursos pelas comunidades. Uma ligação interessante de encontrar foi a chegada na etnobotânica através da etnofarmacologia, a curiosidade sobre os sistemas médicos tradicionais. Também houve interesse em verificar a ocorrência de fauna em comunidades quilombolas do Vale do Ribeira.

Já as motivações para desenvolver a pesquisa em comunidades remanescentes de quilombo, as principais respostas, foram que já haviam trabalhado com comunidades tradicionais e com povos originários e/ou que as comunidades já tinham um vínculo com a universidade participando de outras pesquisas.

Relatos foram compartilhados na pergunta aberta sobre outras motivações para a realização do estudo, algumas mostraram que estão relacionadas com a contribuição e valorização dos saberes ancestrais da população afro-brasileira e a demanda da comunidade para o desenvolvimento do

ecoturismo local. Um dos relatos sobre as motivações da pesquisa fala:

“ Percebi na fala delas que muitas tinham medo de ser associadas às religiões de matriz africana, por mais que usassem muitos dos símbolos e elementos associados a estas religiões. Naquele momento tive vontade de estudar mais os grupos afrodescendentes, de forma a colaborar para a visibilidade destes grupos e dos seus conhecimentos (...).”

Em relação às dificuldades encontradas pelos(as) pesquisadores(as) durante a realização da pesquisa, no questionário foram selecionados nove quesitos avaliados de acordo com nível de dificuldade (baixo, médio, e alto). O deslocamento até as comunidades foi considerado dificuldade média pela maioria dos respondentes. A coleta de material botânico foi considerada de dificuldade média para cinco pesquisadoras(o) e para dois não houve dificuldades nesta tarefa.

Os quesitos identificação das espécies, envolvimento da comunidade na pesquisa, análise de dados e publicação da pesquisa foram considerados pelos participantes como de dificuldade média e baixa.

4.1.4 *Sobre a(s) comunidade(s) participante(s) da pesquisa*

As pesquisas foram quase todas realizadas em comunidades localizadas em áreas rurais ou urbano-rurais, e apenas uma em regiões urbanas.

Na questão de múltipla escolha relacionada à dinâmica populacional e pessoas entrevistadas, as pessoas da(s) comunidade(s) participante(s) em sua maioria eram jovens maiores de 18 anos e adultos (sete estudos), seguidas de pessoas acima dos 60 anos (quatro estudos) sendo maioria dos entrevistados homens (quatro estudos).

Sobre a distância das comunidades até o centro de saúde pública mais próximo, três foram mensuradas entre 20 a 50 km de distância, sendo que a maior distância informada foi para uma das comunidades que ficava a mais de 50 km e a menor foi cerca de 1,5 km. Em relação à distância da(s) comunidade(s) até supermercados, mercados ou local de venda de alimentos três comunidades ficavam a menos de cinco km de distância, e as outras variavam de cinco até cerca de 50 km.

Sobre as questões raciais e racismo é importante destacar alguns comentários das autoras(o),

nos quais relataram ter escutado muitas histórias sobre racismo e discriminação sofrido pelas(os) quilombolas durante as pesquisas. Também relataram que as comunidades que possuíam contato com o Movimento Negro Unificado (MNU), discutiam sobre as situações vivenciadas em diferentes momentos da sua história. Além disso, relatam a presença do racismo cultural nas comunidades, onde pessoas da região criticavam as crenças e práticas religiosas quando a pessoa autora conversava com elas sem a presença de quilombolas e o racismo ambiental em relação a demarcação territorial, que significa uma atenta indireta contra o indivíduo por meio da supressão do ambiente em que se dá a sua existência.

A partir da descrição de algumas práticas racistas ocorridas dentro das comunidades em estudo, alguns relatos demonstram a desigualdade salarial, trabalho informal precário, não pagamento de salário e a falta de vínculo formal empregatício para quilombolas que trabalhavam em sítios próximos da comunidade e também uma sobrecarga de atividades. Outra situação escrita por uma autora, foi a ausência de regularidade de transporte (nesse caso, barcos motorizados) para as crianças e adolescente que moram na comunidade (zona rural), mas estudam na sede do município (zona urbana), o que fez com não frequentassem a escola de maneira regular o que acabava desestimulando a continuação nos estudos. Algumas das histórias que mais marcaram foram em relação a perda da guarda de filhos. Vale destacar também a influência das religiões evangélicas nas comunidades e o quanto elas invisibilizam as questões dos próprios moradores em relação aos cultos, ritos, crenças e outras expressões culturais da raiz negra dos quilombolas.

Quando perguntamos como as pessoas reagiram à situação de racismo, três pessoas questionaram tal atitude e outras três preferiram não responder esta questão. Uma preferiu não se envolver por motivos éticos relacionados à pesquisa, outra pessoa falou que é um aspecto incorporado nas análises, mas não especificamente na pesquisa sobre etnoconhecimento, uma outra escreveu que não presenciou as situações, mas ao escutar as histórias ficou em choque muitas vezes.

4.1.5 *Devolutivas*

Todos os trabalhos manifestaram algum tipo de retorno e/ou devolutiva para as comunidades. Dentre eles, seis foram previamente acordados com a comunidade, dois que não

foram previamente definidos junto de quilombolas e uma pessoa não quis responder.

As devolutivas produzidas ao final das pesquisas foram diversas, e incluíram reuniões com as lideranças quilombolas falando sobre os resultados da pesquisa e a importância da valorização dos saberes ancestrais - produção de livretos, vídeo de registro no youtube, organização de oficinas conforme as demandas das comunidades. Em alguns estudos foram elaborados jogos para as crianças da comunidade. Eram quebra-cabeças com ímã que tinha o mapa da comunidade e os principais resultados da pesquisa (a comunidade solicitou material para as crianças, para que elas pudessem ter acesso aos conhecimentos levantados na pesquisa). Outra pesquisa disponibilizou uma cartilha etnobotânica e dissertação impressa. Uma devolutiva deu protagonismo para os próprios membros da comunidade, que coletaram os dados e fizeram livretos contendo estes dados, para serem distribuídos a todos os moradores. Um estudo apresentou os dados para a líder comunitária e, ela solicitou o desenvolvimento de uma cartilha sobre as plantas medicinais usadas, no entanto, a ideia ainda está sendo trabalhada por conta da falta de verba para a realização.

Ainda sobre as devolutivas, perguntamos se foi algo previamente acordado com a comunidade e obtivemos seis respostas afirmativas e duas negativas, sendo que uma pessoa não quis responder. Também perguntamos se as pessoas autoras dos artigos científicos achavam importante este tipo de contrapartida. Obteve-se oito afirmações achando importante as devolutivas e/ou retorno para as comunidades e explicaram seus motivos. Uma das pessoas falou que é uma das partes fundamentais da elaboração da pesquisa, problematizou que muitas vezes, os estudos são de ciência de base e não geram um resultado imediato/prático para as comunidades. Ela também coloca que as devolutivas oportunizam benefícios para as comunidades e colaboraram com as demandas e lutas locais. Noutra fala da importância da divulgação do conhecimento produzido e contribuição para sua preservação e reconstrução por parte da comunidade. No sentido do registro do seu próprio conhecimento, uma pessoa respondeu que as devolutivas podem colaborar com a autonomia das comunidades sobre o uso dos recursos e conhecimento local.

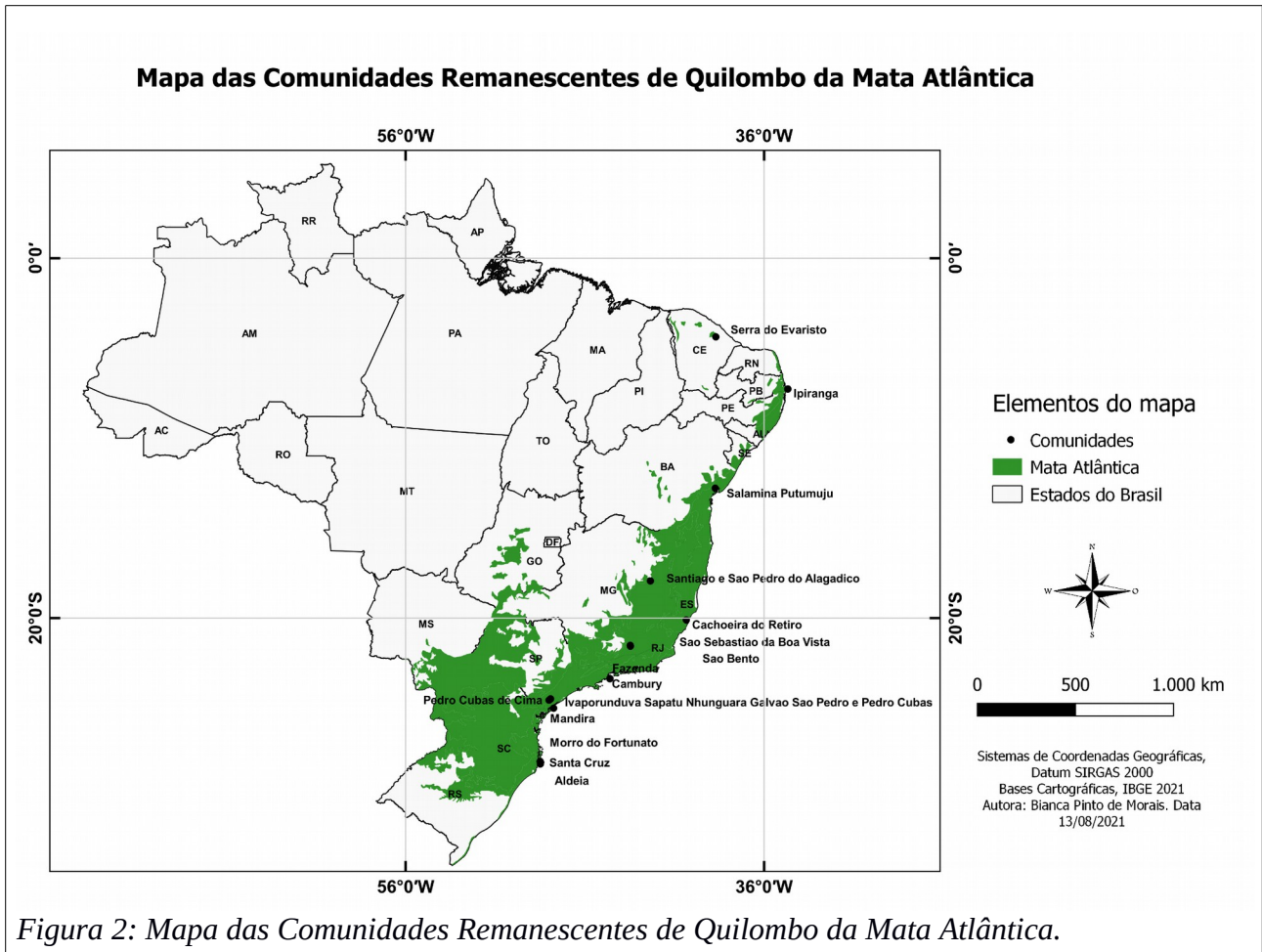
Quando questionamos se a sua pesquisa apresentou algum impacto (direto ou indireto) no modo de vida quilombola, 5 pessoas não souberam dizer e 4 acreditam que sim, justificando desde a leitura das dissertações e teses produzidas e consideradas por membros do INCRA na realização de laudos antropológicos nas comunidades. Também os materiais/ações foram consideradas uma

importante forma de registro histórico, de registro do conhecimento local e de fortalecimento do (auto)reconhecimento dos quilombolas. Uma autora colocou que sua devolutiva incentivou as professoras da escola a dar continuidade ao projeto e a trabalhar as cartilhas com as crianças. Um impacto foi referente a valorização do saber tradicional e da biodiversidade. Por fim, uma pesquisa contribuiu para o reconhecimento da roça quilombola numa comunidade do Vale do Ribeira como patrimônio imaterial do Brasil (IPHAN).

No sentido do modo de vida quilombola modificar a forma das autoras enxergarem as relações raciais, elas trouxeram muitos relatos sobre as leituras da literatura e a oportunidade de ver de perto as consequências do racismo e a importância do resgate dos saberes tradicionais. Elas colocam questões sobre problemáticas das lutas diárias dentro das comunidades, visões divergentes, por exemplo sobre religião e demarcação e titulação territorial. Também falou-se da coletividade e apoio mútuo das comunidades, relação com a ancestralidade e com o território. As autoras enfatizaram a valorização dos conhecimentos tradicionais, o reconhecimento cultural e a luta pela terra como mudanças relacionadas ao conhecimento das questões raciais.

4.2 Distribuição geográfica

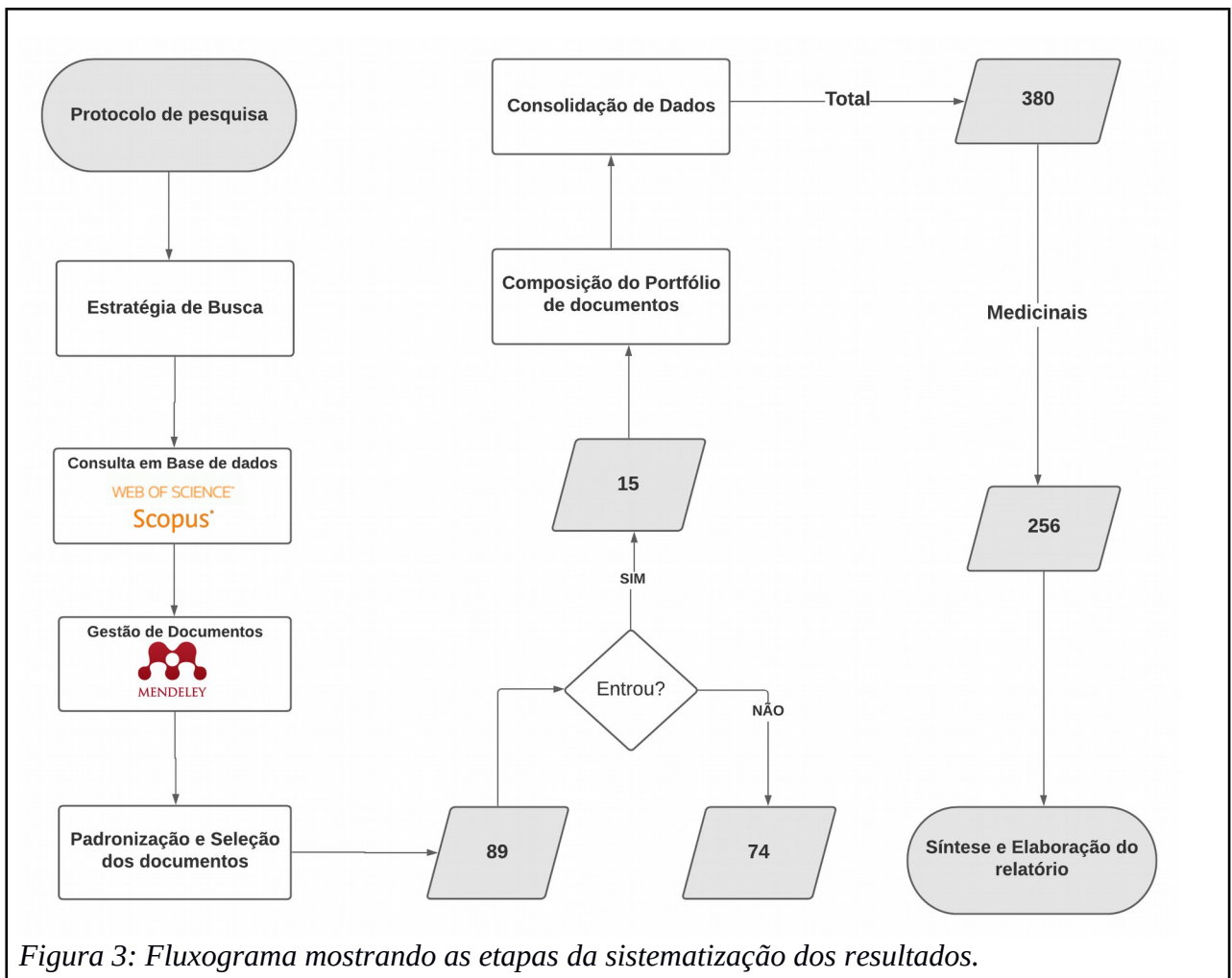
Das comunidades estudadas pelos artigos desta revisão, três estão na região nordeste: a comunidade remanescente de quilombo (CRQ) Serra do Evaristo, na cidade de Baturité (CE) (Santos, Silveira e Gomes, 2019), a comunidade quilombola Salamina Putumuju, localizada em Maragogipe (BA) que destaca-se por citar principalmente espécies medicinais (118 espécies) em relação às demais (SANTANA; VOEKS; FUNCH, 2016) e a comunidade quilombola do Ipiranga, localizada no estado da Paraíba, município de Conde (ROCHA; LIMA; CRUZ, 2019; BELTRESCHI, LIMA; CRUZ, 2019). No sudeste foram citadas 16 comunidades, principalmente as do Vale do Jequitinhonha (MG) como a CRQ Santiago e São Pedro do Alagadiço que citaram ao todo 462 espécies vegetais (DINIZ, 2019), seguida das comunidades do Vale do Ribeira (11) (SP) que ao todo citaram 383 espécies (Barroso, Reis e Hanazaki, 2010) (RODRIGUES et al., 2020) (YAZBEK et al., 2019) (PRADO et al., 2013). No sul, três CRQs do Estado Santa Catarina: Morro do Fortunato, Aldeia e Santa Cruz, apresentou um total com cerca de 322 espécies (Figura 2).



4.3 Revisão de Literatura

Após a realização das buscas nas bases de dados bibliográficos, foram identificados um total de 89 artigos, dentre os quais 51 artigos foram provenientes do Scopus e 38 artigos do Web of Science. Deste agrupamento, fizemos uma filtragem e eliminamos 31 estudos duplicados e 13 estudos por conta de não serem realizados no Brasil, restando um total de 45 artigos para serem revisados. Deste conjunto de estudos, realizamos uma última filtragem selecionando apenas os artigos em que os estudos foram realizados em comunidades remanescentes de quilombo da Mata Atlântica. Portanto, retiramos da amostra um total de 30 artigos, dentre eles um que apesar de citar espécies em fragmentos de Mata Atlântica, tratava de uma comunidade quilombola localizada no

Cerrado. Sendo assim, o número de artigos selecionados para essa revisão sistemática resultou num total de 15 artigos (Figura 3).



Dos 15 artigos analisados, cinco foram realizados nas mesmas comunidades e por isso fizemos uma filtragem e exclusão das espécies repetidas, obedecendo a lista de espécies da Flora do Brasil⁶ (ROCHA; LIMA; CRUZ, 2019; BELTRESCHI; LIMA; CRUZ, 2019; ÁVILA et al. 2016; ZANK; ÁVILA; HANAZAKI, 2016; ÁVILA et al. 2015).

Portanto, foram citadas um total de 380 espécies que compõem 102 famílias, sendo as mais frequentes Fabaceae (35 espécies) e Asteraceae (29 espécies), seguida de Lamiaceae com 20 espécies citadas, Malvaceae e Myrtaceae foram citadas 12 espécies e a família das Solanaceae com 11 espécies (Tabela 1).

6 Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>

TABELA 1. Síntese do total de espécies citadas por CRQs da Mata Atlântica, família, nome popular e artigo em que a espécie foi citada.

Nome Popular	Família	Espécie	Artigo
Abacate-roxo, Abacate	Lauraceae	<i>Persea americana</i> Mill.	Yazbek et al. 2019; Beltreschi, Lima e Cruz, 2019; Santos, Silveira e Gomes, 2019; Santana, Voeks e Funch, 2016; Ávila et al. 2015
Abacaxi	Bromeliaceae	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merrill	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Abóbora	Cucurbitaceae	<i>Cucurbita maxima</i> Duchesne	Yazbek et al. 2019
Abóbora	Cucurbitaceae	<i>Cucurbita</i> sp.	Santos, Silveira e Gomes, 2019
Abóbora, Jerimum	Cucurbitaceae	<i>Cucurbita pepo</i> L.	Santana, Voeks e Funch, 2016; Beltreschi, Lima e Cruz, 2019
Açafrão	Zingiberaceae	<i>Curcuma longa</i> L.	Yazbek et al. 2019; Santos, Silveira e Gomes, 2019
Acerola	Malpighiaceae	<i>Malpighia emarginata</i> DC	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Acerola	Malpighiaceae	<i>Malpighia glabra</i> L.	Beltreschi, Lima e Cruz, 2019; Santana, Voeks e Funch, 2016
Açoita-cavalo	Malvaceae	<i>Luehea</i> sp.	Diniz, 2019
Acônico	Amaranthaceae	<i>Alternanthera philoxeroides</i> (Mart.) Griseb.	Beltreschi, Lima e Cruz, 2019
Agrião	Brassicaceae	<i>Nasturtium officinale</i> L.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Água-de-alevante, Colônia	Zingiberaceae	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burt e R.M. Sm.	Santana, Voeks e Funch, 2016; Beltreschi, Lima e Cruz, 2019; Santos, Silveira e Gomes, 2019
Alecrim	Lamiaceae	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Zank e Hanazaki, 2017; Beltreschi, Lima e Cruz, 2019
Alecrim de tabuleiro	Verbenaceae	<i>Lippia grata</i> Schauer	Beltreschi; Lima; Cruz, 2019
Alface	Asteraceae	<i>Lactuca sativa</i> L.	Santos, Silveira e Gomes, 2019; Ávila et al. 2015
alfavaca-de-cheiro	Lamiaceae	<i>Ocimum campechianum</i> L.	Diniz, 2019
Alfavaquinha-de- cobra	Piperaceae	<i>Peperomia pellucida</i> (L.) Kunth	Santana; Voeks; Funch, 2016
Algodão	Malvaceae	<i>Gossypium</i> sp.	Diniz, 2019
Alho	Amaryllidaceae	<i>Allium sativum</i> L.	Santos, Silveira e Gomes, 2019; Santana, Voeks e Funch, 2016; Crepaldi e Peixoto, 2010
Ameixa branca, Ameixa	Olacaceae	<i>Ximenia americana</i> L.	Rocha, Lima e Cruz, 2019; Santos, Silveira e Gomes, 2019
Amêndoa	Rosaceae	<i>Prunus dulcis</i> (Mill.) D. A. Webb	Santana; Voeks; Funch, 2016
Amendoim	Fabaceae	<i>Arachis hypogaea</i> L.	Santana, Voeks e Funch, 2016; Ávila et al. 2016
Amor-agarradinho	Polygonaceae	<i>Antigonon leptopus</i> Hook. & Arn.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Amora	Moraceae	<i>Morus alba</i> L.	Beltreschi; Lima; Cruz, 2019
Amora	Moraceae	<i>Morus nigra</i> L.	Santana, Voeks e Funch, 2016
Anador, Doril, Xaxamba,	Acanthaceae	<i>Justicia pectoralis</i> Leon. Jacq.	Santana, Voeks e Funch, 2016; Yazbek et al. 2019; Beltreschi, Lima e Cruz, 2019; Santos, Silveira e Gomes, 2019
Anestesia	Asteraceae	<i>Acmella ciliata</i> (Kunth) Cass.	Yazbek et, al 2019
angélica	Zingiberaceae	<i>Hedychium coronarium</i> J.Koenig	Yazbek et, al 2019
Angico	Fabaceae	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan	Santos, Silveira e Gomes, 2019

anil	Fabaceae	<i>Indigofera</i> sp.	Diniz, 2019
Araçá	Myrtaceae	<i>Psidium cattleianum</i> Afzel. ex Sabine	Yazbek et al. 2019; Prado et al. 2013
Araçá, Araçá-mirim	Myrtaceae	<i>Psidium guineense</i> Sw.	Beltreschi, Lima e Cruz, 2019; Rocha, Lima e Cruz, 2019; Santana, Voeks e Funch, 2016
Arco de Poa	Hernandiaceae	<i>Sparattanthelium botocudorum</i> Mart.	Rocha; Lima; Cruz, 2019
Arnica	Asteraceae	<i>Lychnophora ericoides</i> Mart.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
arnica	Compositae	<i>Arnica</i> sp.	Diniz, 2019
Arnica brasileira	Asteraceae	<i>Solidago chilensis</i> Meyen	Beltreschi; Lima; Cruz, 2019
Aroeira	Anacardiaceae	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Aroeira	Anacardiaceae	<i>Schinus terebinthifolia</i> Raddi	Rocha, Lima e Cruz, 2019; Beltreschi, Lima e Cruz, 2019; Ávila et al. 2016; Santana, Voeks e Funch, 2016; Conde et al. 2017; Crepaldi e Peixoto, 2010
arrebenta-cavalo	Solanaceae	<i>Solanum capsicoide</i> All.	Yazbek et, al 2019
Arrozinho	Fabaceae	<i>Zornia diphylla</i> (L.) Pers.	Santana, Voeks e Funch, 2016
Arruda	Rutaceae	<i>Ruta</i> sp.	Santana, Voeks e Funch, 2016; Beltreschi, Lima e Cruz, 2019; Santos, Silveira, Gomes, 2019; Zank e Hanazaki, 2017; Diniz, 2019
Artemísia, Anador	Asteraceae	<i>Artemisia vulgaris</i> L.	Santos, Silveira e Gomes, 2019; Beltreschi, Lima e Cruz, 2019
Assa-peixe-branco	Asteraceae	<i>Vernonanthura phosphorica</i> (Vell.) H.Rob	Santana; Voeks; Funch, 2016
Ateira	Annonaceae	<i>Annona squamosa</i> L.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Ausente	Apocynaceae	<i>Himatanthus drasticus</i> (Mart.) Plumel	Zank e Hanazaki, 2017
Ausente	Araceae	<i>Dieffenbachia amoena</i> Bull.	Ávila et al., 2016
Ausente	Araceae	<i>Syngonium angustatum</i> Schott.	Ávila et al., 2017
Ausente	Araliaceae	<i>Schefflera arboricola</i> (Hayata) Merr.	Ávila et al., 2016
Ausente	Asparagaceae	<i>Dracaena fragrans</i> (L.) Ker Gawl.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Ausente	Asparagaceae	<i>Dracaena marginata</i> Hort	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Ausente	Asparagaceae	<i>Dracaena reflexa</i> Lam.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Ausente	Compositae	<i>Cotula australis</i> (Sieber ex Spreng.) Hook.f.	Zank e Hanazaki, 2017
Ausente	Compositae	<i>Tanacetum parthenium</i> (L.) Sch.Bip.	Zank e Hanazaki, 2017
Ausente	Crassulaceae	<i>Kalanchoe blossfeldiana</i> Poelln	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Ausente	Laxmanniaceae	<i>Cordyline</i> sp.	Santos, Silveira e Gomes, 2018
Ausente	Marantaceae	<i>Calathea</i> sp.	Santos, Silveira e Gomes, 2019
Ausente	Rosaceae	<i>Fragaria</i> sp.	Ávila et al., 2016
Ausente	Rosaceae	<i>Rosa</i> spp.	Ávila et al., 2016
Ausente	Rosaceae	<i>Eriobotrya japonica</i> (Thunb.) Lindl.	Ávila et al., 2016
Ausente	Rubiaceae	<i>Ixora coccinea</i> L.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Ausente	Verbenaceae	<i>Duranta erecta</i> Linn	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Avenca-da-pedra	Adiantaceae	<i>Adiantum</i> sp.	Crepaldi e Peixoto, 2010; Conde et al. 2017
Azeitona roxa	Chrysobalanaceae	<i>Hirtella racemosa</i> Ruiz & Pav.	Rocha; Lima; Cruz, 2019
Baba-de-boi	Malvaceae	<i>Pavonia cancellata</i> (L.) Cav.	Santana, Voeks e Funch, 2016
Babatanom	Fabaceae	<i>Stryphnodendron pulcherrimum</i>	Beltreschi; Lima; Cruz, 2019

		(Willd.) Hochr	
Babosa	Xanthorrhoeaceae	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f.	Beltreschi, Lima e Cruz, 2019; Santos, Silveira e Gomes, 2019; Santana, Voeks e Funch, 2016
Bacupari	Clusiaceae	<i>Garcinia gardneriana</i> (Planch. & Triana) Zappi	Yazbek et al, 2019
Bálsamo	Crassulaceae	<i>Sedum dendroideum</i> Moc. & Sessé ex DC.	Yazbek et al, 2019
Bamburrá	Asteraceae	<i>Conocliniopsis prasiifolia</i> (DC.) R.M.King & H.Rob.	Santana, Voeks e Funch, 2016
Banana	Musaceae	<i>Musa acuminata</i> Colla	Prado et al, 2013
Banana-de-nicuri	Orchidaceae	<i>Vanilla planifolia</i> Jacks ex. Andrews	Santana, Voeks e Funch, 2016
banana-do-mato	Araceae	<i>Philodendron martianum</i> Engl.	Yazbek et al, 2019
Bananeira	Musaceae	<i>Musa</i> sp.	Santos, Silveira e Gomes, 2019; Yazbek et al. 2019; Beltreschi, Lima e Cruz, 2019; Ávila et al. 2016; Ávila et al. 2015; Santana, Voeks e Funch, 2016
Barbatimão	Fabaceae	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Santana, Voeks e Funch, 2016
Barbatimão	Fabaceae	<i>Swartzia oblata</i> R.S.Cowan	Yazbek et al, 2019
Batata	Solanaceae	<i>Solanum tuberosum</i> L.	Ávila et al. 2015; Prado et al. 2013
Batata-doce, Batata	Convolvulaceae	<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	Ávila et al. 2015; Yazbek et al. 2019
Batibutá	Ochnaceae	<i>Ouratea hexasperma</i> (A. St.-Hil.) Baill.	Rocha; Lima; Cruz, 2019
Batônica	Lamiaceae	<i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit.	Santana; Voeks; Funch, 2016
Beladona	Euphorbiaceae	<i>Pedilanthus tithymaloides</i> (L.) Poit.	Beltreschi; Lima; Cruz, 2019
Benjamin	Moraceae	<i>Ficus benjamina</i> L.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Beterraba	Amaranthaceae	<i>Beta vulgaris</i> L.	Santos, Silveira e Gomes, 2019; Santana, Voeks e Funch, 2016; Ávila et al. 2015;
Bicuíba	Myristicaceae	<i>Virola bicuhyba</i> (Schott ex Spreng.) Warb	Rodrigues et al. 2020
Boa-noite-branca, Boa-noite	Apocynaceae	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) G. Don	Beltreschi, Lima e Cruz, 2019; Santos, Silveira e Gomes, 2019
Boldo	Lamiaceae	<i>Plectranthus neochilus</i> Schtr.	Santana, Voeks e Funch, 2016; Santos, Silveira e Gomes, 2019
Boldo-sem-pelo, Alcachofra, Alumã	Asteraceae	<i>Gymnanthemum amygdalinum</i> (Delile) Sch.Bip. ex Walp.	Yazbek et al. 2019; Beltreschi, Lima e Cruz, 2019; Santana, Voeks e Funch, 2016
Boldo, Boldo-folha-larga, Boldo-com-pelo, Tapete-de-Oxalá	Lamiaceae	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Ávila et al. 2017; Ávila et al. 2015; Yazbek et al. 2019; Santana, Voeks e Funch, 2016
Boticudo ou Mané-velho, Espinho de Cigano, Delegado	Asteraceae	<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	Santana, Voeks e Funch, 2016; Beltreschi, Lima e Cruz, 2019; Santos, Silveira e Gomes, 2019
Braúna	Fabaceae	<i>Melanoxylon brauna</i> Schott	Diniz, 2019
Buri	Arecaceae	<i>Allagoptera caudescens</i> (Mart.) Kuntze	Santana, Voeks e Funch, 2016
Café	Rubiaceae	<i>Coffea arabica</i> L.	Santana; Voeks; Funch, 2016
Cajueiro bravo	Dilleniaceae	<i>Curatella americana</i> L.	Rocha; Lima; Cruz, 2019
Cajueiro, Cajueiro-	Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Santana, Voeks e Funch, 2016; Crepaldi e Peixoto, 2010; Yazbek et al, 2019;

roxo, Caju			Santos, Silveira e Gomes, 2019; Rocha, Lima e Cruz, 2019; Conde et al. 2017
Calêndula	Asteraceae	<i>Calendula officinalis</i> L.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Camará-de- chumbo	Verbenaceae	<i>Lantana camara</i> L.	Santana; Voeks; Funch, 2016
Cambará-preto, Cambará-roxo	Asteraceae	<i>Vernonanthura beyrichii</i> (Less.) H.Rob.	Yazbek et, al 2019
Cambucá	Myrtaceae	<i>Plinia edulis</i> (Vell.) Sobral	Rodrigues et al. 2020
Camomila	Asteraceae	<i>Bidens</i> sp.	Beltreschi, Lima e Cruz, 2019
Camomila, Dipirona	Asteraceae	<i>Achillea millefolium</i> L.	Yazbek et al, 2019; Santos, Silveira e Gomes, 2019
Campineiro, Batibutá bravo	Chrysobalanaceae	<i>Hirtella ciliata</i> Mart. & Zucc.	Rocha; Lima; Cruz, 2019
Cana	Poaceae	<i>Saccharum officinarum</i> L.	Yazbek et, al 2019,Ávila et al. 2016; Ávila et al. 2015
Cana da índia	Costaceae	<i>Costus lasius</i> Loes	Beltreschi; Lima; Cruz, 2019
Cana-de-macaco	Costaceae	<i>Costus spiralis</i> (Jacq.) Roscoe	Santana; Voeks; Funch, 2016
Candeia	Asteraceae	<i>Moquiniastrum polymorphum</i> (Less.) G. Sancho	Santana, Voeks e Funch, 2016
Candeia	Compositae	<i>Gochnatia polymorpha</i> (Less.) Cabrera	Diniz, 2019
Canela	Lauraceae	<i>Cinnamomum</i> sp.	Santos, Silveira e Gomes, 2019
Canela	Lauraceae	<i>Cinnamomum verum</i> J. Presl	Beltreschi, Lima e Cruz, 2019; Santana, Voeks e Funch, 2016
Canela-assafraize	Lauraceae	<i>Cryptocarya saligna</i> Mez	Yazbek et, al 2019
Canela-de-veado	Rubiaceae	<i>Alseis pickelii</i> Pilg. & Schmale	Rocha; Lima; Cruz, 2019
Canela-de-velho	Meslastomataceae	<i>Miconia albicans</i> (Sw.) Triana	Santana, Voeks e Funch, 2016
caninha-do-brejo	Costaceae	<i>Costus arabicus</i> L.	Yazbek et, al 2019
Cansanção, Urtiga-branca	Euphorbiaceae	<i>Cnidoscolus urens</i> (L.) Arthur	Santana, Voeks e Funch, 2016; Beltreschi, Lima e Cruz, 2019
Capeba	Piperaceae	<i>Piper umbellatum</i> L.	Santana, Voeks e Funch, 2019
Capiá	Poaceae	<i>Coix lacryma-jobi</i> L.	Yazbek et, al 2019
Capim-estrela	Cyperaceae	<i>Rhynchospora nervosa</i> (Vahl) Boeckeler	Santana; Voeks; Funch, 2016
capim-limão	Poaceae	<i>Andropogon citratus</i> DC.	Ávila et al. 2015
Capim-santo	Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Santos, Silveira, Gomes, 2019; Santana, Voeks e Funch, 2016; Zank e Hanazaki, 2017; Beltreschi, Lima e Cruz, 2019
Cará	Dioscoreaceae	<i>Dioscorea</i> sp.	Prado et al. 2013
Carambola	Oxalidaceae	<i>Averrhoa carambola</i> L.	Santana; Voeks; Funch, 2016
Carobinha	Bignoniaceae	<i>Jacaranda puberula</i> Cham	Yazbek et, al 2019
Carqueja	Asteraceae	<i>Baccharis crispa</i> Spreng.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Carqueja	Rubiaceae	<i>Spermacoce verticillata</i> L.	Santana; Voeks; Funch, 2016
Carqueja, Tucum	Asteraceae	<i>Baccharis</i> sp.	Yazbek et al. 2019; Rocha, Lima e Cruz, 2019
Castanhola	Combretaceae	<i>Terminalia catappa</i> L.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Catulé	Arecaceae	<i>Attalea</i> sp.	Diniz, 2019
Cavaçú	Polygonaceae	<i>Coccoloba alnifolia</i> Casar.	Rocha; Lima; Cruz, 2019
Caxeta	Bignoniaceae	<i>Tabebuia cassinoides</i> (Lam.) DC.	Rodrigues et al. 2020
Cebola	Amaryllidaceae	<i>Allium cepa</i> L.	Santana; Voeks; Funch, 2016; Crepaldi

			e Peixoto, 2010
Cebola-palha	Amaryllidaceae	<i>Allium schoenoprasum</i> L.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Cebolinha	Amaryllidaceae	<i>Allium fistulosum</i> L.	Ávila et al. 2015
Cebolinha Branca	Amaryllidaceae	<i>Allium ascalonicum</i> L.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
cebolinha-do-mato	Hypoxidaceae	<i>Hypoxis decumben</i> L.	Yazbek et, al 2019
Cedro	Piperaceae	<i>Cedrus</i> sp.	Diniz, 2019
Cedro-rosa	Meliaceae	<i>Cedrela fissilis</i> Vell.	Yazbek et al. 2019; Rodrigues et al. 2020
Cenoura	Apiaceae	<i>Daucus carota</i> L.	Ávila et al. 2015; Santos, Silveira e Gomes, 2019
Cessé	Cleomaceae	<i>Cleome</i> sp.	Santana, Voeks e Funch, 2016
Chapéu-de-couro	Alismataceae	<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schltld.) Micheli	Yazbek et al. 2019; Conde et al. 2017
Chapéu-de-couro	Alismataceae	<i>Echinodorus macrophyllus</i> (Kunth) Micheli	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Chico-pelado	Cactaceae	<i>Rhipsalis baccifera</i> (J.S.Muell.) Stearn	Diniz, 2019
Chuchu	Cucurbitaceae	<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Cipó-caboclo, Sabugueiro	Dilleniaceae	<i>Davilla rugosa</i> Poir.	Yazbek et, al 2019
Cipó-chumbo	Convolvulaceae	<i>Cuscuta obtusiflora</i> Kunth	Yazbek et, al 2019
Cipó-vermelho or Cipó-caboclo	Dilleniaceae	<i>Dillenia</i> sp.	Santana, Voeks e Funch, 2016
Citronela	Poaceae	<i>Cymbopogon nardus</i> (L.) Rendle	Yazbek et, al 2019
Cocão	Bignoniaceae	<i>Cordia superba</i> Cham.	Rocha; Lima; Cruz, 2019
Coentro	Apiaceae	<i>Coriandrum sativum</i> L.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Coentro-natural; Coentro-maranhão	Apiaceae	<i>Eryngium foetidum</i> L.	Yazbek et al. 2019; Beltreschi, Lima e Cruz, 2019
Comigo-ninguém-pode	Araceae	<i>Dieffenbachia maculata</i> (Lodd.) Sweet	Diniz, 2019
Comigo-ninguém-pode	Araceae	<i>Dieffenbachia seguine</i> (Jacq.) Schott	Santos, Silveira e Gomes, 2019; Santana, Voeks e Funch, 2016
Copo-de-leite	Araceae	<i>Zantedeschia aethiopica</i> L.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Coqueiro	Arecaceae	<i>Cocos nucifera</i> L.	Rocha, Lima e Cruz, 2019; Santos, Silveira e Gomes, 2019; Santana, Voeks e Funch, 2016;
Coração-de-jesus	Araceae	<i>Caladium bicolor</i> (Aiton) Vent.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Coração-magoado	Lamiaceae	<i>Solenostemon scutellarioides</i> (L.) R.Br.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Corama, Folha-da-fortuna, Folha-da-costa	Crassulaceae	<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	Santos, Silveira e Gomes, 2019; Santana, Voeks e Funch, 2016
Cordão-de-São-Francisco	Lamiaceae	<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R.Br.	Ávila et al. 2016; Beltreschi, Lima e Cruz, 2019
Cravo	Myrtaceae	<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Merrill et Perry	Santana; Voeks; Funch, 2016
Cravo-chá	Caryophyllaceae	<i>Dianthus caryophyllus</i> L.	Diniz, 2019
Cróton	Euphorbiaceae	<i>Codiaeum</i> sp.	Santana, Voeks e Funch, 2016
Cumarú	Fabaceae	<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) ACSm.	Santos, Silveira, Gomes, 2019

Cupiúba	Anacardiaceae	<i>Tapirira guianensis</i> Aubl.	Rocha; Lima; Cruz, 2019
Dendê, Dendezeiro	Arecaceae	<i>Elaeis guineensis</i> Jacq.	Rocha; Lima; Cruz, 2019
Dormideira, Malissa	Fabaceae	<i>Mimosa pudica</i> L.	Yazbek et al. 2019; Santana, Voeks e Funch, 2016
Embaúba, bauibeira	Urticaceae	<i>Cecropia glaziovii</i> Snethl.	Yazbek et, al 2019
Embaúba, bauibeira	Urticaceae	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	Yazbek et al. 2019; Rocha, Lima e Cruz, 2019; Prado et al. 2013; Santana, Voeks e Funch, 2016; Diniz, 2019
Erva-baleeira	Bignoniaceae	<i>Varronia curassavica</i> (Less.) H.Rob.	Yazbek et, al 2019
Erva-de-passarinho	Loranthaceae	<i>Struthanthus marginatus</i> (Desr.) G.Don	Yazbek et, al 2019
Erva-de-santa-maria, Erva-moura	Solanaceae	<i>Solanum americanum</i> Mill.	Santana, Voeks e Funch, 2016; Beltreschi, Lima e Cruz, 2019
Erva-de-Santa-Maria, Mastruz	Amaranthaceae	<i>Dysphania ambrosioides</i> (L.) Mosyakin & Clemants	Yazbek et al. 2019; Santana, Voeks e Funch, 2016; Santos, Silveira e Gomes, 2019; Beltreschi, Lima e Cruz, 2019
Erva-doce	Apiaceae	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Yazbek et al. 2019; Santos, Silveira e Gomes, 2019
Erva-doce	Apiaceae	<i>Pimpinella anisum</i> L.	Beltreschi; Lima; Cruz, 2019
Erva-doce	Lamiaceae	<i>Ocimum selloi</i> Benth. L.	Ávila et al. 2015
Erva-doce-do-mato.	Myrtaceae	<i>Psidium oligospermum</i> Mart. ex DC.	Rocha; Lima; Cruz, 2019
Erva-fogo	Polygonaceae	<i>Polygonum</i> sp.	Yazbek et, al 2019
Espada-de-Ogum	Agavaceae/Asparagaceae	<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain.	Santana, Voeks e Funch, 2016; Ávila et al. 2016
Espada-de-São-Jorge	Asparagaceae	<i>Sansevieria guineensis</i> (L.) Willd.	Diniz, 2019
Espinheira-Santa	Celastraceae	<i>Maytenus ilicifolia</i> Mart. ex Reissek	Yazbek et, al 2019
Eucalipto	Myrtaceae	<i>Eucalyptus</i> sp.	Santana, Voeks e Funch, 2016; Diniz, 2019; Santos, Silveira e Gomes, 2019
Fava	Fabaceae	<i>Vicia faba</i> L.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Fedegoso	Fabaceae	<i>Senna</i> sp.	Diniz, 2019
Fedegoso, Camacho, Manjirioba, Manjerioba	Fabaceae	<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	Santana, Voeks e Funch, 2016; Beltreschi, Lima e Cruz, 2019; Santos, Silveira e Gomes, 2019
Feijão	Fabaceae	<i>Phaseolus vulgaris</i> L.	Santos, Silveira e Gomes, 2019; Prado et al. 2013; Ávila et al. 2015
Flor de São José	Apocynaceae	<i>Nerium oleander</i> L.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Flor-de-maio	Asteraceae	<i>Montanoa bipinnatifida</i> (Kunth) K.Koch	Yazbek et, al 2019
Folha-do-fogo, Coco-de-urubu	Meslastomataceae	<i>Clidemia hirta</i> (L.) D. Don.	Santana, Voeks e Funch, 2016
Fumo	Solanaceae	<i>Nicotiana</i> sp.	Diniz, 2019
Fumo-brabo	Solanaceae	<i>Solanum erianthum</i> D. Don	Santana, Voeks e Funch, 2016
Fumo-branco	Lamiaceae	<i>Aegiphila pernambucensis</i> Moldenke	Rocha; Lima; Cruz, 2019
gelol	Polygonaceae	<i>Polygala paniculata</i> L.	Yazbek et, al 2019
Gengibre	Zingiberaceae	<i>Zingiber officinale</i> Roscoe	Santos, Silveira e Gomes, 2019
Genipapo	Rubiaceae	<i>Genipa americana</i> L.	Santos, Silveira e Gomes, 2019; Santana, Voeks e Funch, 2016
Gergelim	Pedaliaceae	<i>Sesamum indicum</i> L.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Gervão, Chá-de-Burro	Verbenaceae	<i>Stachytarpheta cayennensis</i> (Rich.) Vahl	Yazbek et al. 2019; Santana, Voeks e Funch, 2016

Gitaí	Fabaceae	<i>Apuleia leiocarpa</i> (Vogel) J.F.Macbr.	Rocha; Lima; Cruz, 2019
Gobiroba	Myrtaceae	<i>Campomanesia dichotoma</i> (O.Berg) Mattos	Rocha; Lima; Cruz, 2019
Goiaba	Myrtaceae	<i>Psidium</i> spp.	Diniz, 2019
Goiaba-branca, Goiaba, Goiabeira	Myrtaceae	<i>Psidium guajava</i> L.	Yazbek et al. 2019; Beltreschi, Lima e Cruz, 2019; Santos, Silveira e Gomes, 2019; Ávila et al. 2016; Santana, Voeks e Funch, 2016; Ávila et al. 2015
Gondó	Asteraceae	<i>Erechtites valerianifolius</i> (Wolf) DC	Yazbek et, al 2019
Graviola	Annonaceae	<i>Annona muricata</i> L.	Crepaldi e Peixoto, 2010; Yazbek et al, 2019; Beltreschi, Lima e Cruz, 2019; Santos, Silveira, Gomes, 2019; Santana, Voeks e Funch, 2016
Guaco	Asteraceae	<i>Mikania laevigata</i> Sch.Bip. ex Bake.	Yazbek et, al 2019
Guapeva	Euphorbiaceae	<i>Hieronyma alchorneoides</i> Allem.	Prado et al, 2013
guaraná	Apocynaceae	<i>Tabernaemontana laeta</i> Mart.	Yazbek et, al 2019
Guiné, Tipi	Phytolaccaceae	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Diniz, 2019
Gulandi carvalho	Calophyllaceae	<i>Calophyllum braziliense</i> (Britton) Standl.	Rocha; Lima; Cruz, 2019
Gulandi orelha-de-burro	Clusiaceae	<i>Clusia nemorosa</i> G. Mey.	Rocha; Lima; Cruz, 2019
Gulandi, Gulandi Amarelo	Clusiaceae	<i>Symphonia globulifera</i> L.f.	Rocha; Lima; Cruz, 2019
Hibisco	Malvaceae	<i>Hibiscus rosa-sinensis</i> L.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Hibisco Crespo	Malvaceae	<i>Hibiscus schizopetalus</i> (Dyer) Hook.f.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Hortelã miúda, Hortelã-de-bicha, Hortelã	Lamiaceae	<i>Mentha</i> sp.	Beltreschi, Lima e Cruz, 2019; Yazbek et al. 2019; Santos, Silveira e Gomes, 2019; Zank e Hanazaki, 2017; Ávila et al. 2015
Hortelã-castelo, Hortelã-de-carne, Alfavaca, Hortelã-graúda, Hortelã grande	Lamiaceae	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour.) Spreng	Yazbek et al, 2019; Santos, Silveira e Gomes, 2019; Santana, Voeks e Funch, 2016; Zank e Hanazaki, 2017; Beltreschi, Lima e Cruz, 2019
Imbira de jangada, Pau de jangada	Malvaceae	<i>Apeiba tibourbou</i> Aubl.	Rocha; Lima; Cruz, 2019
Imbira preta	Annonaceae	<i>Guatteria schomburgkiana</i> Mart.	Rocha; Lima; Cruz, 2019
Imbiribiba	Combretaceae	<i>Buchenavia tetraphylla</i> (Aubl.) R.A.Howard	Rocha; Lima; Cruz, 2019
imburana-de-cambão	Burseraceae	<i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.) J.B.Gillett	Diniz, 2019
Ingá	Fabaceae	<i>Inga blanchetiana</i> Benth.	Rocha; Lima; Cruz, 2019
Inhame	Araceae	<i>Colocasia esculenta</i> (L.) Schott.	Yazbek et, al 2019
Inharé	Moraceae	<i>Brosimum gaudichaudii</i> Trécul	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Insulina	Vitaceae	<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson e CE Jarvis	Beltreschi; Lima; Cruz, 2019
Ipê-roxo, Pau-d'Arco-Roxo	Bignoniaceae	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. ex DC.) Mattos	Yazbek et al. 2019; Beltreschi, Lima e Cruz, 2019; Santos, Silveira e Gomes, 2019
Ipepaconha	Violaceae	<i>Pombalia calceolaria</i> (L.) Paula-Souza	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Jaborandi	Plantaginaceae	<i>Piper scutifolium</i> Yunck	Yazbek et, al 2020

Jaca do Mato	Annonaceae	<i>Annona salzmannii</i> A.DC.	Rocha; Lima; Cruz, 2019
Jaca-de-pobre, Mololô, Apa-de-lima, fruta-do-conde	Annonaceae	<i>Annona atemoya</i> Mabb	Santana, Voeks e Funch, 2016
Jacarandá	Fabaceae	<i>Dalbergia</i> sp.	Diniz, 2019
Jambo	Myrtaceae	<i>Syzygium malaccense</i> (L.) Merr. and L.M. Perry	Santana, Voeks e Funch, 2016
Jambo, Jambolão	Myrtaceae	<i>Syzygium jambos</i> L.	Yazbek et al, 2019
Jaqueira	Moraceae	<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Rocha, Lima e Cruz, 2019; Santos, Silveira e Gomes, 2019
Jasmim	Oleaceae	<i>Jasminum</i> sp.	Diniz, 2019
Jasmim laranja	Rutaceae	<i>Murraya paniculata</i> (L.) Jack	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Jasmim-de-São-José	Apocynaceae	<i>Plumeria rubra</i> L.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Jatobá	Fabaceae	<i>Hymenaea eriogyne</i> Benth.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Jatobá	Fabaceae	<i>Hymenaea rubriflora</i> Ducke	Rocha; Lima; Cruz, 2019
Jatobá, Jataí	Fabaceae	<i>Hymenaea altissima</i> Ducke	Yazbek et al, 2019
Jenipapo bravo	Rubiaceae	<i>Tocoyena sellowiana</i> (Cham. & Schltld.) K. Schum.	Beltreschi; Lima; Cruz, 2019
João-moleque ou Costa-branca	Asteraceae	<i>Rolandra fruticosa</i> (L.) Kuntze	Santana; Voeks; Funch, 2016
Jurema	Fabaceae	<i>Mimosa adenophylla</i> Taub.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Jurubeba	Solanaceae	<i>Solanum paniculatum</i> L.	Santana, Voeks e Funch, 2016; Rocha, Lima e Cruz, 2019
Lacre	Hypericaceae	<i>Vismia guianensis</i> (Aubl.) Pers.	Rocha; Lima; Cruz, 2019
Lança-de-São-Jorge	Asparagaceae	<i>Sansevieria cylindrica</i> Bojer ex Hook.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Laranja-mixirica, Tangerina	Rutaceae	<i>Citrus reticulata</i> Blanco	Yazbek et al. 2019; Santos, Silveira e Gomes, 2019
Laranja, Laranja-da-terra	Rutaceae	<i>Citrus aurantium</i> L.	Beltreschi, Lima e Cruz, 2019; Santana, Voeks e Funch, 2016
Laranjeira	Rutaceae	<i>Citrus sinensis</i> Snethl. (L.) Osbeck	Yazbek et al. 2019; Santos, Silveira e Gomes, 2019; Ávila et al. 2016; Zank e Hanazaki, 2017; Ávila et al. 2015
Liamba	Lamiaceae	<i>Vitex agnus-castus</i> L.	Beltreschi; Lima; Cruz, 2019
Licuri	Arecaceae	<i>Syagrus coronata</i> (Martius) Beccari	Santana; Voeks; Funch, 2016
Limão-cravo, Limão	Rutaceae	<i>Citrus limon</i> (L.) Osbeck	Santana, Voeks e Funch, 2016; Ávila et al. 2015; Beltreschi, Lima e Cruz, 2019; Yazbek et al. 2019
Limão-verdadeiro, bergamota	Rutaceae	<i>Citrus</i> sp.	Santana, Voeks e Funch, 2016; Ávila et al. 2015
Limoeiro	Rutaceae	<i>Citrus aurantifolia</i> (Christim.) Swingle.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Língua-de-galinha	Fabaceae	<i>Stylosanthes gracilis</i> Kunth.	Santana; Voeks; Funch, 2016
Língua-de-vaca	Malvaceae	<i>Sida linifolia</i> Juss. ex Cav.	Santana, Voeks e Funch, 2016
Louro	Lauraceae	<i>Laurus nobilis</i> L.	Santana, Voeks e Funch, 2016; Ávila et al. 2015
Maça	Rosaceae	<i>Malus communis</i> Desf.	Ávila et al. 2015
Maçã	Rosaceae	<i>Malus pumila</i> Mill.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Macaça	Lamiaceae	<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart. ex Spreng.	Beltreschi; Lima; Cruz, 2019

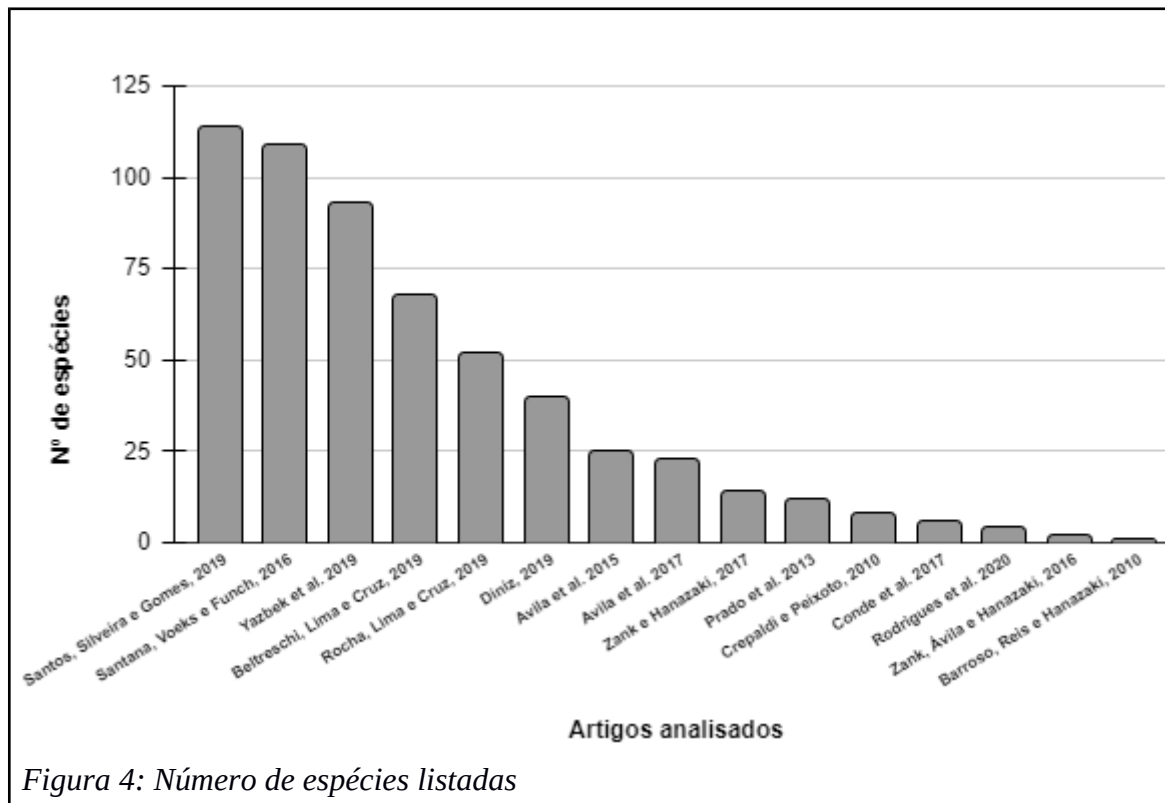
Macaúba	Arecaceae	<i>Acrocomia intumescens</i> Drude	Diniz, 2019
Macela	Asteraceae	<i>Anthemis</i> sp.	Diniz, 2019
Macelinha	Asteraceae	<i>Gamochaeta pensylvanica</i> (Willd.) Cabrera	Yazbek et al, al 2019
Malva rosa	Geraniaceae	<i>Pelargonium graveolens</i> L'Hér. ex Aiton	Beltreschi; Lima; Cruz, 2019
Malva-branca	Malvaceae	<i>Sida cordifolia</i> L.	Santana, Voeks e Funch, 2016
Malvarisco	Lamiaceae	<i>Plectranthus</i> sp.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Mamão, Mamoeiro	Caricaceae	<i>Carica papaya</i> Bertol.	Yazbek et al. 2019; Santos, Silveira e Gomes, 2019; Ávila et al. 2016; Santana, Voeks e Funch, 2016
Mamica-de-porca, Manataru	Rutaceae	<i>Zanthoxylum rhoifolium</i> Lam.	Yazbek et al, al 2019
Mamona, Carrapateira	Euphorbiaceae	<i>Ricinus communis</i> L.	Diniz, 2019; Santana, Voeks e Funch, 2016; Beltreschi, Lima e Cruz, 2019
Mangaba	Apocynaceae	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	Beltreschi, Lima e Cruz, 2019; Santana, Voeks e Funch, 2016; Rocha, Lima e Cruz, 2019
Mangue-vermelho	Rhizophoraceae	<i>Rhizophora mangle</i> L.	Santana; Voeks; Funch, 2016
Mangueira, Manga	Anacardiaceae	<i>Mangifera indica</i> L.	Rocha, Lima e Cruz, 2019; Santos, Silveira e Gomes, 2019; Santana, Voeks e Funch, 2016
Manjeriço, Alfavaca-do-reino	Lamiaceae	<i>Ocimum</i> sp.	Diniz, 2019; Santana, Voeks e Funch, 2016
Manjerona, Alfavaca, Manjeriço	Lamiaceae	<i>Ocimum basilicum</i> (L.)	Beltreschi, Lima e Cruz, 2019; Santos, Silveira e Gomes, 2019; Santana, Voeks e Funch, 2016
Maracujazeiro, Maracujá	Passifloraceae	<i>Passiflora edulis</i> Sims, Clim	Santos, Silveira, Gomes, 2019; Beltreschi; Lima; Cruz, 2019; Santana, Voeks e Funch, 2016
Maravilha, Purga-de-batata	Nyctaginaceae	<i>Mirabilis jalapa</i> L.	Yazbek et al. 2019; Santana, Voeks e Funch, 2016
Maria-preta, Rompe-gibão	Boraginaceae	<i>Cordia curassavica</i> (Jacq.) Roem. and Schult.	Santana; Voeks; Funch, 2016
Maricotinha	Rutaceae	<i>Ertela trifolia</i> (L.) Kuntze	Santana; Voeks; Funch, 2016
Marmeleiro	Euphorbiaceae	<i>Croton</i> sp.	Santos, Silveira e Gomes, 2019
Mavaíscio	Piperaceae	<i>Piper marginatum</i> Jacq.	Rocha; Lima; Cruz, 2019
Maxixe	Cucurbitaceae	<i>Cucumis anguria</i> L.	Santos, Silveira e Gomes, 2019; Santana, Voeks e Funch, 2016
Melãozinho-do-mato; Melão-São-Caetano	Cucurbitaceae	<i>Momordica charantia</i> L.	Yazbek et al. 2019; Beltreschi, Lima e Cruz, 2019
Melissa, Cidrão ou ponta-livre, Cidreira, Erva-cidreira, Alecrim-do-mato	Verbenaceae	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br. ex P. Wilson	Yazbek et al. 2019; Zank e Hanazaki, 2017; Beltreschi, Lima e Cruz, 2019; Santana, Voeks e Funch, 2016
Melissa, Cidreira, Erva-cidreira	Lamiaceae	<i>Melissa officinalis</i> L.	Santana, Voeks e Funch, 2016; Zank e Hanazaki, 2017; Santos, Silveira e Gomes, 2019; Zank, Ávila e Hanazaki, 2016; Ávila et al. 2015
Mentraso, Erva-de-São-João	Asteraceae	<i>Ageratum conyzoides</i> L.	Conde et al. 2017; Santana, Voeks e Funch, 2016; Yazbek et al. 2019
Mesca-de-rama	Asteraceae	<i>Mikania</i> sp.	Santana, Voeks e Funch, 2016

Milho	Poaceae	<i>Zea mays</i> L.	Santos, Silveira e Gomes, 2019; Prado et al. 2013; Ávila et al. 2016; Ávila et al. 2015
Milho-alpiste	Poaceae	<i>Phalaris canariensis</i> L.	Santana; Voeks; Funch, 2016
Mostarda	Brassicaceae	<i>Brassica juncea</i> L.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Mulungu	Fabaceae	<i>Erythrina mulungu</i> Benth.	Diniz, 2019
Mulungú	Fabaceae	<i>Erythrina velutina</i> Willd.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Murici	Malpighiaceae	<i>Byrsonima</i> sp.	Santana, Voeks e Funch, 2016
Murici-branco	Malpighiaceae	<i>Byrsonima gardneriana</i> A. Juss.	Rocha; Lima; Cruz, 2019
Murta-brava	Erythroxylaceae	<i>Erythroxylum</i> sp.	Rocha; Lima; Cruz, 2019
Murta-murta	Myrtaceae	<i>Eugenia</i> sp.	Rocha; Lima; Cruz, 2019
Mutamba	Malvaceae	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Rocha, Lima e Cruz, 2019; Beltreschi, Lima e Cruz, 2019
Nim	Meliaceae	<i>Azadirachta indica</i> A. Juss	Santos, Silveira e Gomes, 2019; Beltreschi, Lima e Cruz, 2019
Noni	Rubiaceae	<i>Morinda citrifolia</i> L.	Santos, Silveira e Gomes, 2019; Beltreschi, Lima e Cruz, 2019
Novalgina	Amaranthaceae	<i>Pfaffia glomerata</i> (Spreng.) Pedersen	Yazbek et, al 2019
noz-moscada	Lauraceae	<i>Cryptocarya mandioccana</i> Meisn.	Yazbek et, al 2019
Noz-moscada	Myristicaceae	<i>Myristica fragrans</i> Houtt.	Santana; Voeks; Funch, 2016
Oliveira, Jamelão, Ogum-me-chama, Jamelão	Myrtaceae	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	Rocha, Lima e Cruz, 2019; Ávila et al. 2016; Santana, Voeks e Funch, 2016; Beltreschi, Lima e Cruz, 2019
Palmeirinha	Arecaceae	<i>Dypsis lutescens</i> (H.Wendl.) Beentje & J.Dransf.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Palmeirinha	Arecaceae	<i>Phoenix roebelenii</i> O'Brien	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Palmito, Palmeira-Juçara	Arecaceae	<i>Euterpe edulis</i> Martius	Prado et al. 2013; Barroso, Reis e Hanazaki, 2010
Papai-Nicolau	Gentianaceae	<i>Coutoubea spicata</i> Aubl.	Santana; Voeks; Funch, 2016
Pasto-de-Anta	Rubiaceae	<i>Psychotria suterella</i> Müll. Arg.	Prado et al, 2013
Pata-de-vaca	Fabaceae	<i>Bauhinia monandra</i> Kurz	Beltreschi, Lima e Cruz, 2019
Pata-de-vaca	Fabaceae	<i>Bauhinia forficata</i> Link	Yazbek et al. 2019; Zank e Hanazaki, 2017
Pau-cinza	Chrysobalanaceae	<i>Licania octandra</i> (Hoffmanns. Ex Schult.) Kuntze	Rocha; Lima; Cruz, 2019
Pau-d'óleo	Fabaceae	<i>Copaifera</i> sp.	Diniz, 2019
Pau-de-leite, Leiteiro	Apocynaceae	<i>Himatanthus obovatus</i> (Müll.Arg.) Woodson	Santana, Voeks e Funch, 2016; Rocha, Lima e Cruz, 2019
Pau-Ferro	Fabaceae	<i>Machaerium salzmännii</i> Benth.	Rocha; Lima; Cruz, 2019
Pega-pegã	Plantaginaceae	<i>Stemodia foliosa</i> Benth.	Santana; Voeks; Funch, 2016
Pereira	Apocynaceae	<i>Geissospermum laeve</i> (Vell.) Miers	Diniz, 2019
Peroba	Apocynaceae	<i>Aspidosperma</i> sp.	Diniz, 2019
Perta-ruão	Piperaceae	<i>Piper mollicomum</i> Kunth	Yazbek et, al 2020
Picão	Asteraceae	<i>Bidens pilosa</i> L.	Yazbek et al. 2019; Santana, Voeks e Funch, 2016
Picova	Zingiberaceae	<i>Renealmia petasites</i> Gagnep.	Yazbek et, al 2019
Picova-amarelo, Caraguatã-de-gancho	Bromeliaceae	<i>Bromelia antiacantha</i> Bertol.	Yazbek et, al 2019
Pimenta	Solanaceae	<i>Capsicum frutescens</i> L.	Santana, Voeks e Funch, 2016; Santos,

			Silveira e Gomes, 2019
Pimenta-do-reino	Piperaceae	<i>Piper nigrum</i> L.	Beltreschi; Lima; Cruz, 2020
Pimentão	Solanaceae	<i>Capsicum annuum</i> L.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Pingo-de-ouro	Euphorbiaceae	<i>Codiaeum variegatum</i> (L.) Rumph. ex A.Juss.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Pinhão	Annonaceae	<i>Duguetia</i> sp.	Diniz, 2019
Pinhão branco	Euphorbiaceae	<i>Jatropha mollissima</i> (Pohl) Baill.	Beltreschi; Lima; Cruz, 2019
Pinhão-roxo	Euphorbiaceae	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Santos, Silveira e Gomes, 2019; Santana, Voeks e Funch, 2016
Pita	Asparagaceae	<i>Furcraea foetida</i> (L.) Haw	Yazbek et al. 2019
Pitanga	Myrtaceae	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Yazbek et al. 2019; Ávila et al. 2016; Santana, Voeks e Funch, 2016; Beltreschi, Lima e Cruz, 2019;
poejo	Lamiaceae	<i>Mentha pulegium</i> L.	Yazbek et, al 2019
Purga-do-campo	Violaceae	<i>Hybanthus calceolaria</i> (L.) Oken	Santana; Voeks; Funch, 2016
Purpuna	Myrtaceae	<i>Myrcia sylvatica</i> (G.Mey.) DC.	Rocha; Lima; Cruz, 2019
Quebra-pedra-branca, Quebra-pedra	Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus</i> sp.	Yazbek et al. 2019; Beltreschi, Lima e Cruz, 2019; Santana, Voeks e Funch, 2016; Diniz, 2019
Quebra-pedra-roxo	Euphorbiaceae	<i>Euphorbia thymifolia</i> L.	Yazbek et, al 2019
Quiabeiro	Malvaceae	<i>Abelmoschus esculentus</i> L. (Moench)	Santos, Silveira, Gomes, 2019; Crepaldi e Peixoto, 2010
Quina-de-três-folhas	Rutaceae	<i>Galipea multiflora</i> Schult.	Diniz, 2019
Quina-Quina	Rubiaceae	<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K. Schum.	Rocha; Lima; Cruz, 2019
Quioiô, Favacão, Louro do Mato.	Lamiaceae	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	Santana, Voeks e Funch, 2016; Yazbek et al. 2019; Beltreschi, Lima e Cruz, 2019
quitoco	Compositae	<i>Pluchea sagittalis</i> Less.	Diniz, 2019
Rabo de raposa	Asteraceae	<i>Conyza bonariensis</i> (L.) Cronquist	Beltreschi; Lima; Cruz, 2019
Rabo-de-raposa	Asteraceae	<i>Trixis</i> sp.	Santana, Voeks e Funch, 2016
Rama, Mandioca-doce, Macaxeira, Mandioca, Aipim	Euphorbiaceae	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Santos, Silveira e Gomes, 2019; Prado et al. 2013; Ávila et al. 2016; Santana, Voeks e Funch, 2016; Ávila et al. 2015; Yazbek et al. 2019
Remela de velho	Celastraceae	<i>Maytenus erythroxyla</i> St. Lag.	Rocha; Lima; Cruz, 2019
Repolho	Brassicaceae	<i>Brassica oleracea</i> L.	Avila et al, 2015
Romã	Lythraceae	<i>Punica granatum</i> L.	Beltreschi, Lima e Cruz, 2019; Santos, Silveira e Gomes, 2019
Ruibarbo	Phytolaccaceae	<i>Rheum</i> sp.	Crepaldi e Peixoto, 2010; Diniz, 2019; Ávila et al. 2016; Beltreschi, Lima e Cruz, 2019
Sabiá	Fabaceae	<i>Mimosa caesalpiniiifolia</i> Benth.	Rocha, Lima e Cruz, 2019; Santos, Silveira e Gomes, 2019
Saboneteira	Sapindaceae	<i>Sapindus saponaria</i> L.	Diniz, 2019
Sabugueiro	Adoxaceae	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltld.	Beltreschi; Lima; Cruz, 2019
Sabugueiro	Adoxaceae	<i>Sambucus canadensis</i> L.	Yazbek et al. 2019
Saião	Crassulaceae	<i>Kalanchoe crenata</i> (Andrews) Haw.	Beltreschi; Lima; Cruz, 2019
Saião-roxo	Crassulaceae	<i>Kalanchoe pinnata</i> (Lam.) Pers	Yazbek et, al 2019
Salsa	Apiaceae	<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	Avila et al, 2015
Salsa-brava	Convolvulaceae	<i>Ipomoea asarifolia</i> (Ders.) Roem. and Schult	Santana; Voeks; Funch, 2016

Samambaia	Nephrolepidaceae	<i>Nephrolepis exaltata</i> (L.) Schott	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Sapé	Poaceae	<i>Imperata brasiliensis</i> Trin.	Santana; Voeks; Funch, 2016
Sene	Fabaceae	<i>Senna alexandrina</i> Mill	Santana; Voeks; Funch, 2016
Seriguela	Anacardiaceae	<i>Spondias purpurea</i> L.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Serralha	Asteraceae	<i>Emilia sonchifolia</i> (L.) DC.	Yazbek et, al 2019
Sete-sangria	Lythraceae	<i>Cuphea carthagenensis</i> (Jacq.) J.F.Macbr	Yazbek et, al 2019
Sucupira-branca	Fabaceae	<i>Pterodon pubescens</i> Benth.	Diniz, 2019
Sucupira, Sucupira-preta	Fabaceae	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth.	Diniz, 2019; Rocha, Lima e Cruz, 2019
Taiá	Araceae	<i>Xanthosoma robustum</i> Schott.	Ávila et al., 2016
Tamarindo	Fabaceae	<i>Tamarindus indica</i> L.	Santana; Voeks; Funch, 2016
Tambor	Fabaceae	<i>Albizia polycephala</i> (Benth.) Killip	Rocha, Lima e Cruz, 2019
Taporava	Asteraceae	<i>Conyza canadensis</i> (L.) Cronquist	Yazbek et al. 2019
Taquaruçu	Poaceae	<i>Chusquea bambusoides</i> Hack.	Prado et al, 2013
Terramicina, Doril, Benzetacil, Antibiótico-da-horta, Amoxilina	Amaranthaceae	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Yazbek et al. 2019; Santos, Silveira e Gomes, 2019; Conde et al. 2017
Tomate	Solanaceae	<i>Lycopersicon esculentum</i> Mill.	Avila et al, 2015
Tomateiro	Solanaceae	<i>Solanum lycopersicum</i> L.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Trançagem, Tanchagem	Poaceae	<i>Plantago australis</i> Lam.	Yazbek et, al 2019
Transagem, Tanchagem	Plantaginaceae	<i>Plantago</i> spp.	Beltreschi, Lima e Cruz, 2019; Santos, Silveira e Gomes, 2019; Zank e Hanazaki, 2017
Trapiá	Apocynaceae	<i>Macoubea guianensis</i> Aubl.	Rocha; Lima; Cruz, 2019
Tuia	Cupressaceae	<i>Thuja occidentalis</i> L.	Santos, Silveira, Gomes, 2019
Urtiga-branca	Urticaceae	<i>Boehmeria caudata</i> Sw.	Yazbek et, al 2019
Urtiga-branca	Urticaceae	<i>Urera caracasana</i> (Jacq.) Griseb.	Yazbek et, al 2019
Urtiga-roxa	Urticaceae	<i>Urera baccifera</i> (L.) Gaudich. ex Wedd.	Yazbek et, al 2019
Urucum	Bixaceae	<i>Bixa orellana</i> L.	Diniz, 2019; Santos, Silveira e Gomes, 2019
Vapugueira	Solanaceae	<i>Solanum asperum</i> Hornem. ex Walp.	Rocha; Lima; Cruz, 2019
Vassoura-de-botão	Rubiaceae	<i>Borreria verticillata</i> (L.) G. Mey.	Beltreschi; Lima; Cruz, 2019
Vassoura-guanxuma	Malvaceae	<i>Sida planicaulis</i> Cav.	Yazbek et, al 2019
Vassoura-guanxuma	Malvaceae	<i>Sida rhombifolia</i> L.	Yazbek et, al 2019
Vassourinha, Vassoura-mofina, Vassoura-santa, Vassoura-de-relógio	Plantaginaceae	<i>Scoparia</i> sp.	Beltreschi, Lima e Cruz, 2019; Santos, Silveira e Gomes, 2019; Zank e Hanazaki, 2017; Santana, Voeks e Funch, 2016
Vick	Lamiaceae	<i>Callicarpa</i> sp.	Beltreschi, Lima e Cruz, 2019
Vinhático	Fabaceae	<i>Plathymentia</i> sp.	Diniz, 2019
Vique	Polygonaceae	<i>Polygala violacea</i> Aubl.	Santana; Voeks; Funch, 2016
Zebrina	Commelinaceae	<i>Tradescantia zebrina</i> Heynh.	Santos, Silveira, Gomes, 2019

Dentre os 300 gêneros identificados, o Citrus foi o mais frequente. O número de espécies citadas por artigo variou entre os estudos, o artigo de Santos, Silveira e Gomes (2019) foi o que citou o maior número de espécies (114), seguido dos artigos de Santana, Voeks e Funch (2016) com 109 espécies, Yazbek e colaboradores (2019) com 93 espécies e Beltreschi, Lima e Cruz (2019) com 68 espécies (Figura 4).

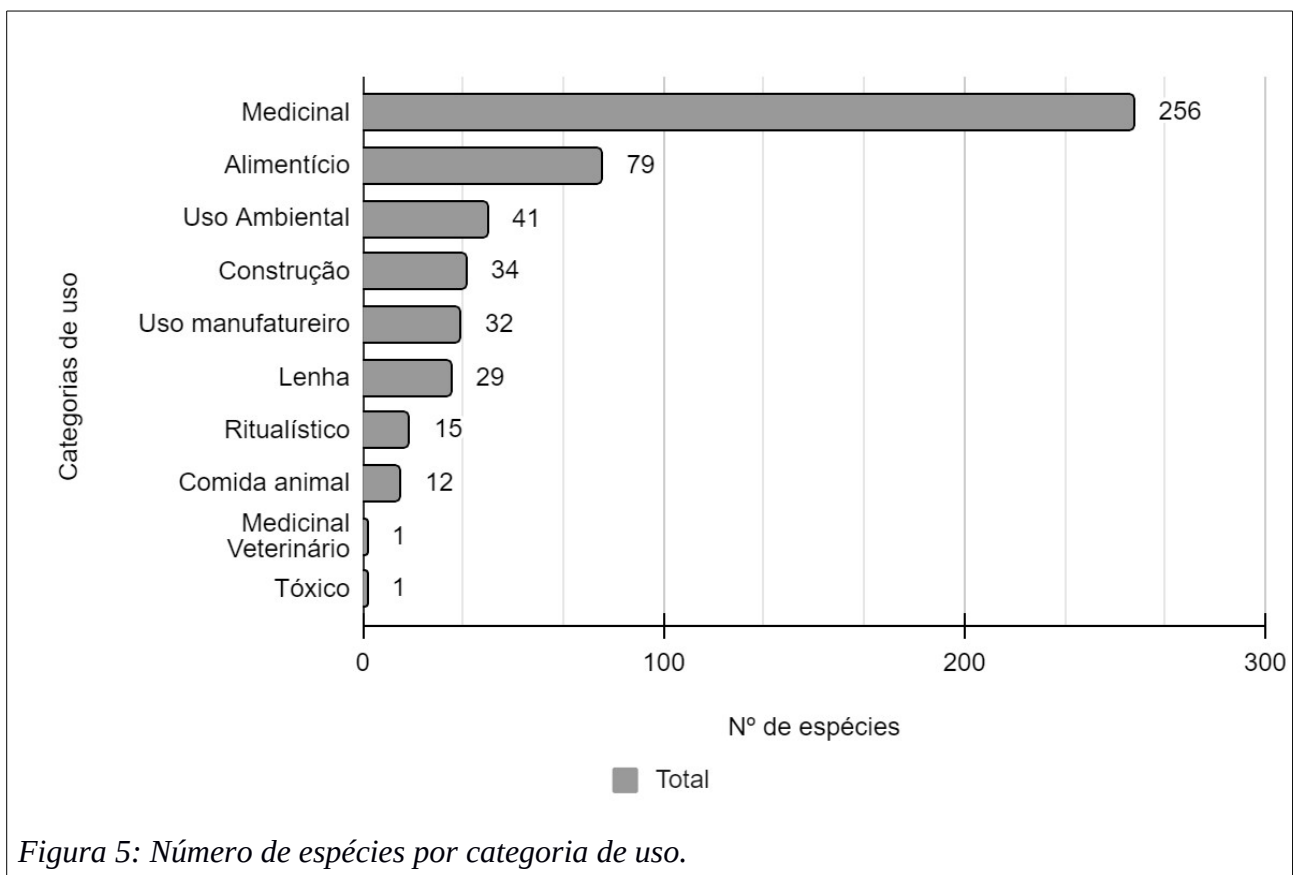


Para se adequar às categorias de uso do Banco de dados Useflora, alteramos algumas citadas nos artigos, por exemplo as espécies da Comunidade Quilombola do Ipiranga, localizada no litoral sul do estado da Paraíba (ROCHA, LIMA; CRUZ, 2019), destacada na categoria de uso Tecnologia foi alocada na categoria Uso Manufatureiro/Utensílios e Ferramentas e nas Comunidades Quilombolas do Vale do Jequitinhonha (DINIZ, 2019), as espécies citadas como uso Simbólico Cultural foram incluídas dentro da categoria de Uso Ritualístico, assim como as espécies citadas que geram mudas para o reflorestamento foram incluídas na categoria de uso ambiental, por conter espécies importantes para a conservação.

Nos artigos das comunidades remanescentes de quilombo do Sul do Brasil, Morro do Fortunato,

Aldeia e Santa Cruz (ÁVILA et al., 2016; ZANK, ÁVILA; HANAZAKI, 2016; ÁVILA et al., 2015; ZANK; HANAZAKI, 2017) e na comunidade quilombola do Ipiranga (ROCHA; LIMA; CRUZ, 2019; BELTRESCHI; LIMA; CRUZ, 2019) foi realizado um filtro para exclusão das espécies iguais, pois tratava-se de espécies citadas em artigos diferentes porém localizados nas mesmas comunidades. Assim, para evitar duplicidade de informação, optou-se pela exclusão das espécies repetidas.

As principais categorias de uso citadas por quilombos da Mata Atlântica foram Medicinal, Alimentícia, seguida de Uso Ambiental, Construção e Uso Manufatureiro (Figura 5).



As espécies mais citadas foram cajueiro (*Anacardium occidentale*), aroeira (*Schinus terebinthifolia*), aipim (*Manihot esculenta*), goiabeira (*Psidium guajava*) e bananeira e suas variedades (*Musa* sp.), todas são indicadas para uso medicinal e alimentício. As partes das plantas mais citadas pelos(as) quilombolas foram: as folhas (80 citações), tronco (29), fruto (24) e semente (13).

As espécies aroeira (*Schinus terebinthifolia*), sucupira (*Bowdichia virgilioides*), araçá (*Psidium guineense*) e embaúba (*Cecropia* sp.) são as únicas citadas em quatro categorias de uso, dentre elas está medicinal, alimentício, manufatureiro, lenha, construção e comida animal, sendo o uso medicinal comum entre as espécies. Apenas 18 espécies foram citadas em três categorias de uso e 68 espécies foram citadas em duas categorias.

O artigo de Barroso, Reis e Hanazaki (2010) foi realizado em sete comunidades quilombolas do Vale do Ribeira, entre os municípios de Eldorado e Cananéia (SP), e foi o único a citar uma única espécie, a juçara (*Euterpe edulis*). Esta planta que faz parte da alimentação quilombola sendo cultivada para autoconsumo tem importância também na complementação da renda familiar e na pesquisa, além do papel ecológico e econômico destacou-se o conhecimento tradicional em relação à biodiversidade animal associada à espécie. Neste sentido a juçara também foi citada no trabalho de Prado et al. (2013), realizado em três comunidades quilombolas: São Pedro, Pedro Cubas e Pedro Cubas de Cima que trata do conhecimento ecológico local da dieta de ungulados, localizadas entre os municípios de Eldorado e Iporanga, no Estado de São Paulo. Somente esta espécie foi categorizada em cinco finalidades de uso: Comida Animal (CA), Alimentícia (AL), Medicinal (ME), Uso Manufatureiro (UC) e Uso Ambiental (UA).

A vapugueira (*Solanum asperum*) foi a única espécie citada como uso medicinal veterinário (MV). Na Comunidade Quilombola do Ipiranga, localizada no município de Conde, Estado da Paraíba, as folhas da vapugueira são utilizadas na medicina veterinária contra carrapatos e no tratamento de feridas de cavalo (ROCHA; LIMA; CRUZ, 2019).

A mutamba (*Guazuma ulmifolia*) foi citada em dois artigos realizados na Comunidade Quilombola do Ipiranga, localizada no município de Conde (PB). Esta planta possui diversos usos manufatureiros e destacou-se pelo uso dos frutos, óleos e seiva da árvore no tratamento do cabelo, para fins medicinais é feita uma pomada cicatrizante e anti-hemorrágica e também foi citada como tóxica podendo causar abortos, a sua madeira é usada na construção de casas de taipa e a lenha como combustível para fogões (ROCHA; LIMA; CRUZ, 2019). Essa espécie tem alta importância local, suas cascas são utilizadas no combate a doenças como sarna, diarreia e hemorragia e a técnica predominante de preparo desse medicamento foi o chá (BELTRESCHI, LIMA; CRUZ, 2019).

Algumas plantas citadas possuem o mesmo nome popular, porém são mais de uma espécie,

entre elas estão a amora, a embaúba, arruda e pata-de-vaca. A amora foi identificada como *Morus alba* na Comunidade Quilombola do Ipiranga (PB) (BELTRESCHI, LIMA; CRUZ, 2019) e identificada sem confirmação como *Morus nigra* na comunidade quilombola de Salamina Putumuju (SANTANA; VOEKS; FUNCH, 2016). A embaúba e/ou bauibeira foi identificada como *Cecropia glaziovii* no Quilombo da Fazenda (SP) (YAZBEK et al., 2019) e como *Cecropia pachystachya* nas comunidades quilombolas do Ipiranga (PB) (ROCHA; LIMA; CRUZ, 2019 2019), comunidades quilombolas São Pedro, Pedro Cubas e Pedro Cubas de Cima (SP) (PRADO et al., 2013), Salamina Putumuju (BA) (SANTANA; VOEKS; FUNCH, 2016) e Quilombo, Santiago e São Pedro do Alagadiço (MG) (Diniz, 2019), sendo que essas comunidades utilizam as partes das folhas (FO), das raízes (RT), do tronco (TR) e os meristemas (MA) da planta para usos como a construção (CO), para fins medicinal (ME), no uso manufatureiro (UC) e também para comida animal (CA).

As folhas da arruda (*Ruta* sp.) são utilizadas para fins medicinais e ritualísticos nas comunidades quilombolas do nordeste (Bahia, Paraíba e Ceará), sudeste (Minas Gerais) e sul (Santa Catarina), sendo que suas folhas, flores e tronco, são usados no preparo de chás e sucos para dor no ouvido, conjuntivite, febre, para tratar doenças do sistema digestivo, cólicas, menstruação atrasada e para proteção espiritual (SANTANA; VOEKS; FUNCH, 2016; BELTRESCHI, LIMA; CRUZ, 2019; SANTOS; SILVEIRA; GOMES, 2019; ZANK; HANAZAKI, 2017; DINIZ, 2019).

O nome popular pata-de-vaca foi citado em três artigos sendo que foi identificado como *Bauhinia monandra* na comunidade quilombola do Ipiranga (BELTRESCHI, LIMA; CRUZ, 2019) e como *Bauhinia forficata* no quilombo da Fazenda (YAZBEK et al. 2019) onde suas folhas são usadas no controle da diabetes, nas comunidades quilombolas de Santa Catarina (ZANK; HANAZAKI, 2017) são utilizadas para doenças no sistema urinário.

5. DISCUSSÃO

O estudo sobre a produção acadêmica da etnobotânica constatados nesta pesquisa demonstram que a discussão sobre a questão racial e o racismo nos trabalhos analisados é praticamente inexistente. Visto que a abordagem sobre a identidade étnico-racial e o racismo foram dois pontos colocados no questionário como elemento fundamental a ser considerado pela Etnobotânica. Identificamos que as autoras(es) se autodeclararam em sua maioria de cor branca porém quando identificamos que somente três delas(es) questionam os atos racistas presenciados em campo, portanto, observa-se que as(os) autoras(es) silenciam a pauta racial. Assim, se insere mais uma lacuna de conhecimento frente aos embates das identidades raciais dos sujeitos produtores de conhecimentos etnobotânicos e das comunidades participantes da pesquisa, pois é um fator de forte influência no desenvolvimento da pesquisa em etnobotânica e isso é algo que precisa ser tensionado pela área.

É necessário e urgente que haja um maior posicionamento político por parte das(es) autoras(es), pois apesar das(os) pesquisadoras(es) se importarem com as devolutivas para as comunidades, indicando que vem havendo um rompimento epistemológico com a falsa ideia de neutralidade da Ciência, ainda é mantida através do silenciamento. A Ciência não é neutra, pois o silêncio não é neutro.

Assim como Ritter et al. (2015) verificamos que as principais abordagens usadas em artigos publicados entre 1988 e 2013 foram sobre recurso vegetal medicinal. Para as comunidades remanescentes de quilombo de Santa Catarina a saúde do ambiente está muito ligada à saúde humana (ZANK; ÁVILA; HANAZAKI, 2016) e apesar de muitos quilombolas fazerem uso de medicamentos industrializados para cura de doenças, verificou-se um elevado conhecimento tradicional sobre plantas medicinais e de práticas fitoterápicas por essas populações.

As revisões de cunho etnobotânico começaram a aumentar quando a disciplina de etnobotânica foi implementada no Brasil e o maior número de publicações foram encontradas entre os anos de 2012 e 2013 (RITTER et al., 2015). Neste estudo de revisão etnobotânica quilombola, dentre os 15 artigos analisados cinco foram publicados no ano de 2019, observando-se um aumento gradual nas publicações desde o ano de 2016.

Em uma revisão de literatura, Liporacci (2014) encontrou 57 estudos sobre etnobotânica de plantas medicinais e alimentícias no bioma Mata Atlântica e Caatinga, sendo que, somente dois destes estudos representam a etnobotânica de comunidades quilombolas. No entanto, os esforços de registrar o conhecimento tradicional nessas comunidades de 2014 a 2020 ainda são baixos pois foram publicados 12 artigos sobre o tema, como mostrado em nossos resultados, para as bases de dados Web Of Science e Scopus, demonstrando que as pesquisas deste tipo não estão presentes com frequência nas publicações de revistas indexadas nessas importantes bases dados.

De acordo com Fonseca-Kruel, Silva e Pinheiro (2005), a etnobotânica é oferecida como uma disciplina específica em 13 instituições de ensino brasileiro e a maior concentração dos estudos relacionadas a área estão localizados na região sudeste (51%), pelo fato de existir maior concentração de universidade e/ou pesquisadores nessas regiões, como podemos observar também nos resultados apresentados aqui.

As relações de equidade de gênero e etnia vem sendo abordadas em trabalhos etnobiológicos, demonstrando grande importância no seu potencial para resolução das questões da crise ambiental. A etnobiologia como ciência para a compreensão das relações humanas com o ambiente reflete as mudanças sociais da nossa época, assim alguns trabalhos têm desenvolvido metodologias participativas no desenvolvimento da pesquisa com os povos indígenas e comunidades tradicionais, onde as discussões de gênero possibilitam valores emancipatórios para a construção de sociedades mais igualitárias (ZANK; HANAZAKI; MELO, 2021; CANTELLI, 2020).

Quilombolas e pessoas negras não são os(as) autores(as) principais dos artigos indexados nas bases de dados Web Of Science e Scopus, assim ressalta-se a importância da efetivação das políticas públicas relativas ao acesso à educação quilombola de qualidade, para o ingresso e permanência dessas populações nas universidades. Os movimentos sociais negros brasileiros têm importante papel nas lutas pelo acesso a uma educação formal, destaca-se em Santa Catarina o Movimento Negro Unificado (MNU) que vêm trabalhando a muitos anos na formação de professores para uma Educação Escolar Quilombola (BRASIL, 2012) que trata sobre as questões específicas das(os) quilombolas valorizando a cultura negra e trabalhando no empoderamento de seus estudantes (CAMPOS; GALLINARI, 2017).

As mulheres foram a maioria a responder a pesquisa sendo que maioria delas (66,7%) se declarou branca. Dados do IPEA (2011) baseados na demografia brasileira de 1995 a 2009 mostram que o número de pessoas que se declararam negras (pretas e pardas) subiu para 51,1% e esse número vem aumentando diante do reconhecimento e da forma como as pessoas se veem e se autodeclaram. Dados relacionados à taxa de escolarização de mulheres no ensino superior mostram que em 2009, a taxa de escolarização de mulheres brancas era de 23,8%, enquanto, entre as mulheres negras, esta taxa é de apenas 9,9% (IPEA, 2011). O número de pessoas negras nas universidades vem crescendo por conta, principalmente, da expansão das políticas de ações afirmativas aumentando a quantidade de pessoas formadas, no entanto as oportunidades ainda são diferentes após sair do espaço universitário.

Assim, mesmo quando as mulheres negras ultrapassam o abismo educacional poucas se tornam pesquisadoras, como identificou o Censo da Educação Superior de 2016 mulheres pretas e pardas com doutorado não chegam a 3% do total de docentes universitários do país (INEP, 2018). Desta forma é importante refletir como as pesquisas em etnobotânica tem potencial de fomentar a participação inserindo homens e mulheres quilombolas na pesquisa como pessoas autoras e não só como grupo participante da pesquisa devendo considerar cada vez mais a valorização do conhecimento tradicional e a intersecção entre gênero, raça e classe tratados por Davis (1981).

As pesquisadoras(o) de comunidades quilombolas se colocam com ouvintes dos conhecimentos tradicionais transformando em conhecimentos etnobotânicos. Nesse processo é necessário considerar a cosmovisão dos(as) ancestrais das comunidades remanescentes de quilombo que ao longo das gerações oralizam seus saberes e fazeres, através da biointeração que quer dizer a interação com todos os elementos do universo de forma integrada, das confluências: é a lei que rege a relação de convivência entre os elementos da natureza, ou seja, nada é igual; das transfluências: é a lei que rege as relações de transformação dos elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se mistura se ajunta (SANTOS, 2015).

Com isso, coloca-se a necessidade do protagonismo negro na pesquisa etnobotânica em comunidades quilombolas, pois como Conceição Evaristo nos conta em suas obras como Ponciá Vicência (2003), Becos da Memória (2006), Olhos d'água (2014), sua escrevivência é retratada, pois significa o ato de escrita das mulheres negras, reafirmado no discurso de Adichie (2009) que

nos alerta sobre o perigo de ouvirmos uma história única contada em terceira pessoa. Ou seja, a importância de homens e mulheres negras terem a igualdade de acesso a todas as esferas sociais, e isso diz respeito ao acesso deste grupo à educação, à publicação de artigos, a presença e anuência de quilombolas nos espaços de decisão para que as suas demandas sejam ouvidas de fato.

A escrita de mulheres nos traz aprendizados nas entrelinhas, deve-se considerar que a resistência da mulher negra na pesquisa e nos saberes faz com que aumentem as discussões de gênero, raça e classe dentro dos grupos de pesquisa fazendo com que os silenciamentos e retrocessos não sejam mais aceitos (BLANCO et al., 2021), assim como abrir espaço na escrita, escutar as vozes femininas e lutar por suas reivindicações (ZANK; YXAPYRY, 2021).

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do objetivo geral de investigar a produção acadêmica da etnobotânica em Comunidades Remanescentes de Quilombo (CRQ's) da Mata Atlântica, analisamos os 15 artigos de caráter etnobotânico envolvendo as plantas utilizadas pelas comunidades quilombolas no bioma Mata Atlântica. Identificamos o perfil das autoras e dos autores dos trabalhos onde pudemos verificar que a maioria das pessoas autoras de artigos etnobotânicos em CRQ's da Mata Atlântica são mulheres brancas e poucos(as) quilombolas e negras(os) participaram da autoria dos artigos. Realizamos uma revisão sistemática da literatura. Compilamos as principais espécies de plantas utilizadas e suas principais finalidades de uso, onde se destacaram o uso de plantas medicinais com maior número de citações, plantas alimentícias, uso ambiental, construção, uso manufatureiro, lenha, ritualístico, comida animal, medicinal, veterinário e tóxico. Identificamos a distribuição geográfica das CRQ's ao longo da Mata Atlântica onde estes estudos foram feitos através de um mapa do Brasil.

Percebe-se a necessidade de aplicar conhecimentos tradicionais nos cuidados com a saúde e alimentação, indicando o grande potencial das comunidades quilombolas em solucionar problemas do futuro (SILVA, 2019). Se antes as problemáticas dentro das comunidades quilombolas já existiam, elas se atenuaram muito mais frente a pandemia da COVID-19. De acordo com o Instituto Socioambiental (ISA, 2020), as mortes por COVID-19 dentro das comunidades quilombolas escancara a falta de políticas públicas e o abandono destas populações pelo Estado. A invisibilidade e o descaso com que o governo trata a crise, não só mostra como perpetua o racismo estrutural enraizado (ISA, 2020).

Por fim, gostaria de mencionar a importância deste trabalho para a área da etnobotânica e que outras pesquisas poderiam ser realizadas a partir dos resultados deste Trabalho de Conclusão de Curso, visto que a pauta não pode ser silenciada.

7. REFERÊNCIAS

ADICHIE. Chimamanda Ngozi: O perigo de uma história única. **Ted Talks Global**, 2009. 18 min. Disponível em https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br. Acesso em 04 set 2021.

ALBUQUERQUE, U.P. Introdução à etnobotânica. 2 ed.. Rio de Janeiro: **Interciência**. 2005.

ATALLAH, A.N; CASTRO, A.A. Revisões sistemáticas da literatura e metanálise. **Diagnóstico & Tratamento**. (2):12-5. 1997.

ÁVILA, J. V. DA C. et al. The traditional knowledge of quilombola about plants: Does urbanization matter? **Ethnobotany Research and Applications**, v. 14, n. December, p. 453–462, 2015.

ÁVILA, J. V. DA C. et al. Agrobiodiversity and in situ conservation in quilombola home gardens with different intensities of urbanization. **Acta Botanica Brasilica**, v. 31, n. 1, p. 1–10, 30 jan. 2017.

BRASIL. Resolução CNE/CEB/8/2012. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica**. MEC. 2012 Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/pet/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/18693-educacao-quilombola#:~:text=Resolu%C3%A7%C3%A3o%20CNE%2FCEB%20n%C2%BA%208,da%20Qualidade%20das%20Escolas%20Quilombolas.>> Acesso em 10 de Agosto de 2021.

BRASIL. Ministério da Cultura. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Departamento do Patrimônio Imaterial. **Parecer técnico nº 9/2018/COREG/CGIR/DPI**. Brasília. 16 abr. 2018. Disponível em: <[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Parecer%20Técnico%20DPI\(5\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Parecer%20Técnico%20DPI(5).pdf)> Acesso em 28 ago. 2021.

BRASIL. Decreto no 6040 de 7 de fevereiro. **Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável**

de Povos e Comunidades Tradicionais. 2007.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: **Centro Gráfico**, 1988.

BLANCO, G. D. et al. Aprendizados nas entrelinhas: reflexões e olhares femininos no trabalho etnobiológico. **Ethnoscientia**. v.6 n. 2, especial, 2021. DOI: 10.22276/ethnoscientia.v6i2.368.

BARROSO, R. M.; REIS, A.; HANAZAKI, N. Ethnoecology and ethnobotany of the juçara palm (*Euterpe edulis* Martius) in “quilombola” communities of the Ribeira River Valley, São Paulo. **Acta Botanica Brasilica**, v. 24, n. 2, p. 518–528, 2010.

BELTRESCHI, L.; DE LIMA, R. B.; DA CRUZ, D. D. Traditional botanical knowledge of medicinal plants in a “quilombola” community in the Atlantic Forest of northeastern Brazil. **Environment, Development and Sustainability**, v. 21, n. 3, p. 1185–1203, 11 jun. 2019.

CANDIDO, M. R; CAMPOS, L. A. Pandemia reduz submissões de artigos acadêmicos assinados por mulheres – **Dados, Revista de Ciências Sociais**. 14 de maio de 2020. Disponível em: <<http://dados.iesp.uerj.br/pandemia-reduz-submissoes-de-mulheres/>> Acesso em 27 Jul 2020.

CANTELLI, Daniele. **Influências do gênero nos conhecimentos tradicionais vinculados à biodiversidade: estudo de caso em comunidades quilombolas de Santa Catarina**. Orientadora: Natalia Hanazaki, 2020. 108 p. Dissertação (Mestrado em Biologia de Fungos Algas e Plantas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

CAMPOS, M. C.; GALLINARI, T. S. A educação escolar quilombola e as escolas quilombolas no Brasil. **Revista Nera** – ANO 20, Nº. 35 – 2017 – ISSN: 1806-6755. DOI: 10.47946/rnera.v0i35.4894. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/nera/article/viewFile/4894/3688>. Acesso em 05 set 2021.

CONDE, B. E. et al. Local ecological knowledge and its relationship with biodiversity conservation among two Quilombola groups living in the Atlantic Rainforest, Brazil. **PLoS ONE**, v. 12, n. 11, p. e0187599, 28 nov. 2017.

CPISP. Desafios para a titulação das Terras Quilombolas. **Comissão Pró-Índio de São Paulo**. 2018. Disponível em: <https://cpisp.org.br/direitosquilombolas/desafios-para-titulacao-das-terras-quilombolas/>. Acesso em 28 ago 2021.

CREPALDI, M. O. S.; PEIXOTO, A. L. Use and knowledge of plants by “Quilombolas” as subsidies for conservation efforts in an area of Atlantic Forest in Espírito Santo State, Brazil. **Biodiversity and Conservation**, v. 19, n. 1, p. 37–60, 1 jan. 2010.

DAVIS, Angela. *Mulheres, Raça e Classe*. Nova York, 1981. Tradução: Heci Regina Candiani. 1. ed. - São Paulo: **Boitempo**, 2016. 245 p.

DIAS, A. K. DE A. O Quilombo urbano como uma experiência transformadora na construção da consciência étnico racial brasileira. **Angewandte Chemie International Edition**, 6(11), 951–952., p. 1–19, 1967.

DINIZ, R. F. Artigos Etnosaberes e culturas tradicionais afrobrasileiras: Farmacopeia, magia e reprodução material e simbólica de comunidades quilombolas do Vale Do Jequitinhonha-MG. **GEOgraphia**, v. 21, n. 47, p. 13–28, 2019.

DOMINGUES, I. Filosofia da tecnologia afro-diaspórica. **Filosofia Unisinos**, v. 5, n. 2, p. 61–83, 10 ago. 2020.

ESCREVIVÊNCIA: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo / organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes ; ilustrações Goya Lopes. - 1. ed. - Rio de Janeiro : **Mina Comunicação e Arte**, 2020.

FERRARI, Patricia Aparecida. **Banco de dados etnobotânicos**: construção de uma ferramenta de armazenamento e proteção de informações sobre a sociobiodiversidade. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Biológicas), 92 pág. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.

FERENHOF, H. A.; FERNANDES, R. F. Desmistificando a revisão de literatura como base para redação científica: Método SSF. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, SC: v. 21, n. 3, p. 550-563, ago./nov., 2016.

Flora do Brasil 2020. **Jardim Botânico do Rio de Janeiro**. Disponível em: <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>. Acesso em: 01 set. 2021

FONSECA-KRUEL, V. S.; SILVA, I. M.; PINHEIRO, C. U. B. O ensino acadêmico da etnobotânica no Brasil. **Rodriguésia**, v. 56, n. 87, p. 97–106, 2005.

GALVÃO, M. C. B. ; RICARTE, I. L. M. Revisão Sistemática da Literatura: Conceituação, produção e publicação. **Logeion: Filosofia da Informação**, [S.l.], v. 6, n. 1, p. 57-73, sep. 2019. ISSN 2358-7806. Disponível em: <<http://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4835/4188>>. Acesso em: 18 may 2020. doi:<https://doi.org/10.21728/logeion.2019v6n1.p57-73>

GUEDES, Moema. Percepções sobre o papel do Estado, trabalho produtivo e trabalho reprodutivo: uma análise do Rio de Janeiro. **Cadernos pagu (47)**, 2016:e164720 ISSN 1809-4449. **Relações de gênero no mundo do Trabalho**. Disponível em <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n47/1809-4449-cpa-18094449201600470020.pdf>

GROSGOUEL, R. Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos póscoloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 80, p. 115-147, 2008. Disponível em: <https://journals.openedition.org/rccs/697>.

INEP. Resumo técnico do Censo da Educação Superior 2018 [recurso eletrônico]. Brasília : **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**, 2020. 99 p. ISBN 978-65-5801-038-8. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/informacao-da-publicacao/-/asset_publisher/6JYIsGMAMkW1/document/id/6960488. Acesso em 05 set 2021

ISA. Pandemia de Covid-19 expõe abandono do Estado com quilombos | **Instituto Socioambiental**, 2020. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/pandemia-de-covid-19-expoe-abandono-do-estado-com-quilombos>. Acesso em 13 Jul 2020.

ISA. Sistema agrícola ameaçado é reconhecido como patrimônio cultural imaterial do Brasil | **Instituto Socioambiental**, 2018. Disponível em: <<https://www.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/sistema-agricola-ameacado-e-reconhecido-como-patrimonio-cultural-imaterial-do-brasil>> Acesso em 28 ago 2021

IPEA. Retrato das desigualdades de gênero e raça / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada ... [et al.]. -4ªed.-Brasília: **Ipea**, 2011. 39 p.:il. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/revista.pdf>. Acesso em 30 ago 2021.

JESSON, J.; MATHESON, L. ; LACEY, F. M. Doing Your Literature Review: Traditional and Systematic Techniques. **Sage**. Los Angeles, LA. 2011.

KITCHENER, C. Women academics submitting fewer papers to journals during coronavirus - **The Lily**. 24 de Abril de 2020. Disponível em: <https://www.thelily.com/women-academics-seem-to-be-submitting-fewer-papers-during-coronavirus-never-seen-anything-like-it-says-one-editor/> . Acesso em 27 Jul 2020.

LIPORACCI, Heitor S.N. et al . Where are the Brazilian ethnobotanical studies in the Atlantic Forest and Caatinga? **Rodriguésia**, Rio de Janeiro , v. 68,n. 4,p. 1225-1240, Sept. 2017.

LIPORACCI, Heitor Suriano Nascimento. **Plantas medicinais e alimentícias na Mata Atlântica e Caatinga**: uma revisão bibliográfica de cunho etnobotânico. Orientadora: Natalia Hanazaki, 2014. 329 p. Dissertação (Mestrado em Biologia de Fungos Algas e Plantas) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

LORETTI, P; SANCHES, T. Maternidade, academia e pandemia. **Le Monde Diplomatique Brasil**. Feminismos Transnacionais. 22 de maio de 2020. Disponível em: https://diplomatique.org.br/maternidade-academia-e-pandemia/?fbclid=IwAR2T0caAC369TAQqM_npxbr7vRHLt5iqXiCD22fVLqHjAWjRjfp_TB5XJMI. Acesso em 16 Julho 2020.

MITTERMEIER, R. A.; GIL, P. R.; HOFFMANN, M.; PILGRIM, J.; BROOKS, T.; MITTERMEIER, C. G.; LAMOUREX, J. & FONSECA, G. A. B. Hotspots revisited. **CEMEX**, Mexico City, 392p. 2004.

MYERS, N.; MITTERMEIER, R. A.; MITTERMEIER, C. G.; FONSECA, G. A. B.; KENT, J. Biodiversity hotspots for conservation priorities. **Nature** 403: 853-858. 2000.

NASCIMENTO, Maria Beatriz. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: **Afrodíaspóra: Revista do mundo negro**. Nº 6-7. Ipeafro, 1985. pp. 41-49.

OLIVEIRA, F.C; ALBUQUERQUE, U.P; FONSECA-KRUEL, V.S; HANAZAKI, N. Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v.23, n.2, p.590-605, 2009.

PALMARES, **Fundação Cultural Palmares**. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/> Acesso em 05/11/2019

PAGE, M.J, et al. The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews. **BMJ** 2021;372:n71. Doi: 10.1136/bmj.n71. Acesso em 12 de Julho de 2021.

PRADO, H. M. et al. Complementary Viewpoints: Scientific and Local Knowledge of Ungulates in the Brazilian Atlantic Forest. **Journal of Ethnobiology**, v. 33, n. 2, p. 180–202, nov. 2013.

PRISMA, 2020. Transparent Reporting of Systematic Reviews and Meta-Analyses. Disponível em <<http://www.prisma-statement.org/>> Acesso em 10 de Agosto de 2021.

RIBEIRO, T. B. O. Direito dos povos e das comunidades tradicionais no Brasil. **Sociedade e Estado**, n. 1, p. 165, 2017.

RITTER, M. R. et al. Bibliometric analysis of ethnobotanical research in Brazil (1988-2013). **Acta Bot. Bras.**, v. 29, n. 1, p. 113-119. 2015.

ROCHA, F. V.; LIMA, R. B. DE; CRUZ, D. D. DA. Conservation Priorities for Woody Species Used by a Quilombo Community on the Coast of Northeastern Brazil. **Journal of Ethnobiology**, v. 39, n. 1, p. 158, 3 abr. 2019.

RODRIGUES, E. et al. Participatory ethnobotany and conservation: A methodological case study conducted with quilombola communities in Brazil's Atlantic Forest. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 16, n. 1, 13 jan. 2020.

SANTOS, J. A. DOS; SILVEIRA, A. P.; GOMES, V. DOS S. Knowledge and Use of the Flora in a Quilombola Community of Northeastern Brazil. **Floresta e Ambiente**, v. 26, n. 3, p. 20170932, 2019.

SANTANA, B. F.; VOEKS, R. A.; FUNCH, L. S. Ethnomedicinal survey of a maroon community in Brazil's Atlantic tropical forest. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 181, p. 37–49, 2 abr. 2016.

SILVA, S. R. Comunidades Quilombolas e a Mata Atlântica ATLÂNTICA. **Mercator-Revista de Geografia da UFC**, v. 12, n. 29, p. 105–120, 2013.

SILVA, Jackeline Maria da. **Afro paladar**: a culinária quilombola de Mato Grosso como patrimônio cultural imaterial. 2019. 51 f., il. Trabalho de Conclusão do Curso (Especialização em

Educação e Patrimônio Cultural e Artístico)—Universidade de Brasília, Brasília.

SILVA, M. Saindo da invisibilidade – a política nacional de povos e comunidades tradicionais. **Inclusão Social**. Vol. 2. 2007.

STEHMANN, João Renato. et al, 2019. **Plantas da Floresta Atlântica** / Editores: João Renato Stehmann ... [et al.]. – Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2009. 516 p. ISBN 978-85-60035-05-2

VASCONCELLOS, M. Um olhar etnobotânico para os usos dos recursos vegetais dos terreiros de uma comunidade remanescente de quilombos do Vale do Ribeira, SP. **Aleph**, p. xii, 141 f. : il. color., grafs., tabs., 2 fev. 2004.

VANDEBROEK, I. et al. Reshaping the future of ethnobiology research after the COVID-19 pandemic. **Nature Plants**, v. 6, n. 7, p. 723–730, 22 jun. 2020

YAZBEK, P. B. et al. Plants utilized as medicines by residents of Quilombo da Fazenda, Núcleo Picinguaba, Ubatuba, São Paulo, Brazil: A participatory survey. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 244, p. 112123, 15 nov. 2019.

ZANK, Sofia. **Saúde eco-cultural e resiliência**: conhecimentos e práticas da medicina tradicional em comunidades rurais da Chapada do Araripe no Ceará e em comunidades quilombolas do litoral de Santa Catarina. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Biológicas, Programa de Pós-Graduação em Ecologia, Florianópolis, 2015

ZANK, S., HANAZAKI, N.; MELO, C.R. Equidade de gênero e etnia: o que podemos aprender com os povos ancestrais e indígenas para lidar com as questões socioambientais? **Etnobiologia e Conservação**. <https://doi.org/10.15451/ec2021-02-10.16-1-9>. 2021.

ZANK, S.; YXAPYRY, K. A voz de uma liderança indígena feminina sobre a questão de gênero - uma oportunidade de escuta e reflexão para a pesquisa etnobiológica. **Ethnoscientia**, v.6, n.2, especial, 2021. D.O.I.: 10.22276/ethnoscientia.v6i2.3644

ZANK, S.; ÁVILA, J. V. C.; HANAZAKI, N. Compreendendo a relação entre saúde do ambiente e saúde humana em comunidades Quilombolas de Santa Catarina. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v. 18, n. 1, p. 157–167, 1 jan. 2016.

ZANK, S.; HANAZAKI, N. The coexistence of traditional medicine and biomedicine: A study with local health experts in two Brazilian regions. **PLoS ONE**, v. 12, n. 4, 1 abr. 2017.

ANEXO 1



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada **“Um estudo bibliográfico sobre a Etnobotânica em comunidades quilombolas: quem são os autores e autoras de artigos publicados sobre a etnobotânica em comunidades remanescentes de quilombo da Mata Atlântica”** que faz parte do trabalho de conclusão de curso de Bianca Pinto de Moraes, sob orientação da doutoranda Maiara Cristina Gonçalves do Programa de Pós Graduação em Fungos, Algas e Plantas (PPGFAP) e coorientação da Pesquisadora responsável Profa. Dr^a Natalia Hanazaki do Departamento de Ecologia e Zoologia (ECZ/CCB) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A pesquisa tem como objetivo geral conhecer o repertório etnobotânico das comunidades quilombolas da Mata Atlântica e caracterizar o perfil dos autores e das autoras dos trabalhos publicados e indexados nas bases de dados SCOPUS e Web of Science.

Sua participação consiste em responder um questionário anônimo com 27 perguntas, divididas em quatro tópicos (perfil do autor, perfil dos demais autores, pesquisa e comunidades quilombolas) as questões são relacionadas às motivações para a realização da sua pesquisa de campo e informações adicionais sobre as comunidades participantes do seu artigo. Este questionário será aplicado on-line, por meio de formulário Google Forms, sendo que poderá respondê-lo no momento e local de sua preferência.

Todas as informações colhidas serão analisadas em caráter estritamente científico, os pesquisadores serão os únicos a ter acesso aos dados e tomarão todas as providências necessárias para manter o sigilo e a confidencialidade das informações do participante da pesquisa. A pesquisadora fará download dos dados coletados para um dispositivo eletrônico local, apagando todo e qualquer registro de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem". Os dados da sua entrevista serão utilizados apenas para essa pesquisa e ficarão armazenados, em pen drive em sala e armário chaveados, de posse da pesquisadora responsável, podendo ser descartados (deletados e incinerados) posteriormente ou mantidos armazenados em sigilo. Os resultados deste trabalho também poderão ser

apresentados em encontros ou revistas científicas da área de etnobotânica e mostrarão apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição ou qualquer informação relacionada à sua privacidade. Assim, você terá a garantia do acesso aos resultados dessa pesquisa e terá acesso ao registro do consentimento sempre que solicitado.

Você não terá despesas pessoais em qualquer fase deste estudo e também não há compensação financeira relacionada à sua participação. Embora esta pesquisa não lhe ofereça benefícios diretos e indiretos, você estará contribuindo na ampliação do conhecimento sobre as comunidades remanescentes de quilombo e seus respectivos pesquisadores valorizando os saberes obtidos através da vivência em campo com as comunidades. Você terá o direito de indenização por danos comprovadamente decorrentes da pesquisa, caso houver.

Também terá garantia de ressarcimento, de acordo com a resolução 466/12 nos seus itens II.21 e IV.3.g que trata da compensação material, exclusivamente de despesas do participante e seus acompanhantes, tais como transporte, alimentação com cobertura das despesas tidas pelos participantes da pesquisa e dela decorrentes, quando necessário, garantidos também pela resolução 510/16 nos seus art. 2º, inc. XXIV, art. 9º, inc. VII, e art. 10º, obtendo-se esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa, seus objetivos, métodos, direitos, riscos e potenciais benefícios.

Os pesquisadores responsáveis, que também assinam esse documento, comprometem-se a conduzir a pesquisa de acordo com o que preconiza a Resolução 466/12, que trata dos preceitos éticos e da proteção aos participantes da pesquisa. Ao assinar este termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE), você poderá baixar uma cópia do mesmo, para guardar a sua via (todas as páginas estão numeradas). É importante que você guarde em seus arquivos uma cópia desse documento eletrônico (e-mail), pois é um documento que traz importantes informações de contato e garante os seus direitos como participante da pesquisa. O(a) senhor(a) deverá eletronicamente aceitar participar da pesquisa, o que corresponderá à assinatura do TCLE, conservando, contudo, a transparência e a rastreabilidade na relação participante de pesquisa.

Você tem o direito de não responder qualquer uma das questões, sem necessidade de explicação ou justificativa para tal, podendo também se retirar da pesquisa a qualquer momento com a certeza de que você não terá qualquer prejuízo.

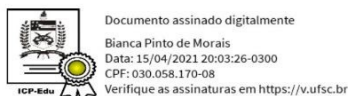
Caso tenha alguma dúvida basta nos perguntar através de nosso endereço e e-mails: Laboratório de Ecologia Humana e Etnobotânica, Centro de Ciências Biológicas/ Departamento de Ecologia e Zoologia, Universidade Federal de Santa Catarina – Campus

Trindade, Bloco C, Térreo, Sala 009, Florianópolis/SC, CEP 880010-970.
biancamorais88@gmail.com, maiarara.sp@gmail.com, hanazaki@gmail.com.

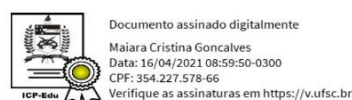
Você também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) que é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente na tomada de decisões, criado para defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos. O CEPSH está localizado no Prédio Reitoria II, Rua: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401, Trindade, Florianópolis/SC, CEP 88.040-400, Contato: (48) 3721-6094, cep.propesq@contato.ufsc.br.

Li este documento (ou tive este documento lido para mim por uma pessoa de confiança) e obtive dos pesquisadores todas as informações que julguei necessárias para me sentir esclarecido. Entendo que minha participação é totalmente voluntária e que posso desistir a qualquer momento, sem qualquer prejuízo.

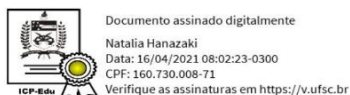
Assinam este documento:



Bianca Pinto de Moraes
graduanda Biologia, UFSC



Maiara Cristina Gonçalves
doutoranda PPGFAP, UFSC



Natalia Hanazaki
Pesquisadora Responsável

Convidado(a)

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH)

ANEXO 2

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Ciências Biológicas – Departamento de Ecologia e Zoologia

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido Simplificado para uso em formulários online

Concordo em participar voluntariamente do projeto “Um estudo bibliográfico sobre a Etnobotânica em comunidades quilombolas: quem são os autores e autoras de artigos publicados sobre a etnobotânica em comunidades remanescentes de quilombo da Mata Atlântica”. Responderei a um questionário sobre o perfil dos autores de um artigo publicado por mim e sobre minha pesquisa em comunidades remanescentes de quilombo e estou ciente de guardar uma cópia desse documento eletrônico (este email) com Termo de Consentimento Livre e Esclarecido na íntegra e que minha identificação será mantida em sigilo e que as informações por mim fornecidas serão confidenciais usadas exclusivamente para fins deste projeto de pesquisa e que ao final da coleta de informações estas serão deletadas de qualquer plataforma virtual, ambiente compartilhado ou "nuvem".

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido na íntegra pode ser acessado neste link:
[será anexado o TCLE completo via link no formulário online]

ANEXO 3

16/04/2021

Quem são os autores e autoras de artigos publicados sobre a etnobotânica em comunidades remanescentes de quilombo da Mata...

Quem são os autores e autoras de artigos publicados sobre a etnobotânica em comunidades remanescentes de quilombo da Mata Atlântica?

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada "Quem são os autores e autoras de artigos publicados sobre a etnobotânica em comunidades remanescentes de quilombo da Mata Atlântica" que faz parte do meu trabalho de conclusão de curso, sob orientação da doutoranda Maiara Cristina Gonçalves do Programa de Pós Graduação em Fungos, Algas e Plantas (PPGFAP) e coorientação da Pesquisadora responsável Profa. Dr^a Natalia Hanazaki do Departamento de Ecologia e Zoologia (ECZ/CCB) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A pesquisa tem como objetivo geral conhecer o repertório etnobotânico das comunidades quilombolas da Mata Atlântica e caracterizar o perfil dos autores e das autoras dos trabalhos publicados e indexados nas bases de dados SCOPUS, Web of Science (WoS) e Google Scholar.

Sua participação consiste em responder este questionário anônimo sobre questões relacionadas às motivações para a realização da sua pesquisa em comunidades quilombolas e informações adicionais sobre as comunidades participantes do seu artigo.

*Obrigatório

1. Seu perfil

Dividimos nossas perguntas em quatro partes, nesta queremos saber mais sobre você

Raça/ Etnia (segundo IBGE): *

- Branca
- Preta
- Parda
- Amarela
- Indígena
- Prefiro não responder
- Outro:

Sexo *

- Masculino
- Feminino
- Prefiro não responder
- Outro:

Identidade de gênero *

- Mulher cisgênera (se identifica com o sexo que lhe foi designado no nascimento)
- Homem cisgênero (se identifica com o sexo que lhe foi designado no nascimento)
- Mulher transexual/transgênero
- Homem transexual/transgênero
- Travesti
- Não binário
- Prefiro não responder
- Outro:



16/04/2021

Quem são os autores e autoras de artigos publicados sobre a etnobotânica em comunidades remanescentes de quilombo da Mata...

Nacionalidade (Se for estrangeiro (a), coloque em outros o país) *

Brasileiro(a)

Estrangeiro(a)

Prefiro não responder

Outro:

Em que estado você morava durante a realização de sua pesquisa? *

Escolher ▼

Qual a sua formação completa? *

Ensino Fundamental

Ensino médio

Ensino Superior

Especialização

Mestrado

Doutorado

Pós-Doutorado

Prefiro não responder

Outro:

2. Perfil dos demais autores(as)
Aqui queremos conhecer melhor os outros autores que colaboraram na produção do artigo

Quantos autores colaboradores são autodeclarados *

	0	1	2	3	4 ou mais	Prefiro não responder
Quilombolas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Indígenas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Negros (pretos e pardos)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Nacionalidade: Alguns dos autores são de origem estrangeira? Se sim, coloque em outros o país *

Sim

Não

Prefiro não responder

Outro:

3. Em relação à pesquisa

Sua pesquisa foi realizada com o apoio ou parcerias público-privadas? Se sim



16/04/2021

Quem são os autores e autoras de artigos publicados sobre a etnobotânica em comunidades remanescentes de quilombo da Mata...

qual(is)?

Sua resposta

Quais foram suas motivações para desenvolver uma pesquisa sobre etnobotânica? *

- Sempre foi uma área de interesse
- Conhecimento ecológico tradicional
- Desenvolvimento de pesquisa com comunidades tradicionais em geral
- Desenvolvimento de pesquisa especificamente com comunidades remanescentes de quilombo
- Cheguei na etnobotânica através da Biologia
- Cheguei na etnobotânica através da Botânica
- Cheguei na etnobotânica através da Antropologia
- Cheguei na etnobotânica através da Agroecologia
- Cheguei na etnobotânica através da Agronomia
- Cheguei na etnobotânica através da Geografia
- Motivações pessoais relacionadas a sua história e vida
- Motivações pessoais relacionadas a questões ambientais
- Motivações pessoais relacionadas a questões sociais
- Faço parte de uma comunidade tradicional
- Prefiro não responder

Se outros, descreva:

Sua resposta

Quais foram suas motivações para desenvolver sua pesquisa em comunidades remanescentes de quilombo? *

- Sou quilombola
- Sou negro ou afrodescendente
- Já tinha uma proximidade com com a(s) comunidade(s) participantes antes da realização dessa pesquisa
- Já havia participado de outras pesquisas em comunidades remanescentes de quilombo
- Já havia trabalhado com outras comunidades tradicionais e povos originários
- São comunidades que já tinham um vínculo com a minha universidade/ laboratório participando de outras pesquisas
- A(s) comunidade(s) é (são) próxima(s) a cidade em que morava quando realizei a pesquisa
- Houve um pedido por parte da comunidade para o desenvolvimento de pesquisas relacionadas ao tema
- Conflitos ambientais relacionados ao território da(s) comunidade(s) participantes
- Prefiro não responder

Caso queira compartilhar um relato sobre suas motivações para realização da sua pesquisa em comunidades remanescentes de quilombo, escreva abaixo:

Sua resposta



16/04/2021

Quem são os autores e autoras de artigos publicados sobre a etnobotânica em comunidades remanescentes de quilombo da Mata...

Quais as maiores dificuldades encontradas na realização da pesquisa? *

	Baixa	Média	Alta	Não houve	Prefiro não responder
Deslocamento até a(s) comunidade(s)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Atividades de campo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Coleta de material botânico	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Identificação das espécies	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Envolvimento com a comunidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Entrevistas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Análise de dados	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Escrita do artigo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Publicação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4. Sobre a(s) comunidade(s) participante(s) de sua pesquisa

Está(ão) localizada(s) em área *

- Urbana
- Periurbana
- Rural
- Uma urbana e outra rural
- Uma periurbana e outra urbana
- Uma periurbana e outra rural
- As duas são urbanas
- As duas são rurais
- As duas são periurbanas
- Prefiro não responder

Nos casos de mais de duas comunidades especificar abaixo:

Sua resposta

Em relação a dinâmica populacional, as pessoas da(s) comunidade(s) participante(s) em sua maioria eram: *

- Crianças e jovens menores de 18 anos
- Jovens maiores de 18 anos e adultos
- Mulheres
- Homens
- Idosos acima dos 60 anos

16/04/2021

Quem são os autores e autoras de artigos publicados sobre a etnobotânica em comunidades remanescentes de quilombo da Mata...

 Prefiro não responder

Em caso de mais que uma comunidade descreva abaixo:

Sua resposta

Consegue mensurar a distância da(s) comunidade(s) até o centro de saúde pública mais próximo? *

- Não sei mensurar
- Sim menos que 5 km
- Sim, mais que 5 km
- Sim, de 10 à 20 km
- Sim, mais que 50 km
- Sim, 100 km ou mais
- Sim, mais que 500 km
- Prefiro não responder
- Outro:

Em caso de mais que uma comunidade descreva abaixo:

Sua resposta

Consegue mensurar a distância da(s) comunidade(s) até supermercados mais próximos? *

- Não sei mensurar
- Sim menos que 5 km
- Sim, mais que 5 km
- Sim, de 10 à 20 km
- Sim, mais que 50 km
- Sim, 100 km ou mais
- Sim, mais que 500 km
- Prefiro não responder
- Outro:

Em caso de mais que uma comunidade escreva abaixo:

Sua resposta

Com relação à segurança alimentar, a maioria das pessoas que participaram de sua pesquisa apresentaram *

- Segurança alimentar (refeições tinham regularidade em quantidade suficiente e qualidade)
- Provavelmente algum tipo de insegurança alimentar (refeições irregulares, dependência de doações, falta de dinheiro para alimentação ou não produziam o suficiente)
- Insegurança alimentar grave (fome)
- Não sei dizer



16/04/2021

Quem são os autores e autoras de artigos publicados sobre a etnobotânica em comunidades remanescentes de quilombo da Mata...

- Prefiro não responder
- Outro:

Já presenciou atos racistas em campo? *

- Sim
- Não
- Prefiro não responder

Se sim, consegue definir o tipo: *

- Crime de ódio e discriminação racial: Atinge as relações interpessoais, em termos de atitudes, estereótipos, ofensas, etc.
- Racismo cultural: Defende a supremacia em termos de ritos, artefatos, símbolos, crenças e outros bens culturais.
- Racismo ambiental ou ecológico: Atenta indiretamente contra o indivíduo por meio da supressão do ambiente em que se dá a sua existência.
- Racismo institucional: Ocorre quando a prática é incorporada a entidades ou grupos em seus sistemas e processos, geralmente por mecanismos de marginalização.
- Exemplo: abordagens mais violentas da polícia contra pessoas negras e a desconfiança de agentes de segurança e de empresas contra pessoas negras, sem justificativas coerentes.
- Racismo estrutural: Conjunto de práticas, hábitos, situações e falas embutido em nossos costumes e que promovem, direta ou indiretamente, a segregação ou o preconceito racial. exemplo: expressões racistas, salários menores para pessoas negras, falta de acesso de pessoas e populações negras a políticas públicas básicas.
- Não sei definir.
- Prefiro não responder
- Outro:

Se quiser pode descrever sua experiência abaixo:

Sua resposta

Como reagiu? *

- Sem reação, só depois percebeu que poderia ser racismo
- Ficou sem reação, pois não sabia como responder
- Preferiu não se envolver por motivos éticos relacionados a pesquisa
- Questionou
- Questionou e indicou/ apoiou o uso de medidas legais
- Prefiro não responder
- Outro:

Houve alguma forma de retorno e/ou devolutiva a pesquisa? *

- Sim
- Não
- Prefiro não responder

Se sim, descreva abaixo:

Sua resposta



16/04/2021

Quem são os autores e autoras de artigos publicados sobre a etnobotânica em comunidades remanescentes de quilombo da Mata...

Foi algo previamente acordado com a comunidade? *

Sim

Não

Prefiro não responder

Acha importante esse tipo de contrapartida? Por quê?

Sua resposta

Acredita que sua pesquisa teve algum impacto (direto ou indireto) no modo de vida quilombola? *

Sim

Não

Prefiro não responder

Se sim, coloque qual(is) abaixo:

Sua resposta

Acredita que o modo de vida quilombola modificou sua forma de ver as relações raciais?

Sua resposta

Enviar

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

Google Formulários

